Y, 1, 94

Ie ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

DIARIO

OU

NARRAÇAO HISTORICA

DE

MATHEUS VAN DEN BROECK

CONTENDO O QUE ELLE VIO E REALMENTE ACONTECEU NO COMEÇO
DA REVOLTA DOS PORTUGUEZES NO BRAZIL,
BEM COMO AS CONDIÇÕES DA ENTREGA DAS NOSSAS
FORTALEZAS

AMSTERDAM
LIVRARIA DE GERRIT VAN GOEDESBERGEN
Á BORDA D'AGUA JUNTO DA PONTE-NOVA
EM DELFSE BYBEL

ANNO DE 1651

TRADUZIDO DO HOLLANDEZ PELO BACHAREL

JOSÈ HYGINO DUARTE PEREIRA

PERNAMBUCO
TYPOGRAPHIA DO JORNAL DO RECIFE
47—Rua do Imperador—47

1875

AO LEITOR

São as *memorias* curiosos documentos historicos. As particularidades que encerram e a sua mesma parcialidade pintam muitas vezes melhor os homens e as epochas do que bem elaboradas historias.

Parece-me que neste caso está o *Diario* ou *Narração Historica* de Matheus van den Broeck, cuja versão dou agora á estampa. Escripta sem artificio, segundo as lembranças e impressões de quem testemunhou os acontecimentos e nelles teve parte, é um quadro vivo, embora tosco, da luta de duas nacionalidades separadas pela lingua, pelos costumes e crenças religiosas.

Os que cultivam a historia patria lerão sem duvida com interesse o combate da *Casa Forte*, a prisão do autor, sua viagem por terra á Bahia, o conselho de guerra na fortaleza de Nazareth, a carta de Hooghstraten a Hondius e outros episodios.

Netscher diz do *Diario* de Van den Broeck que é—*fort curieux et tres rare*, e o Sr. Visconde de Porto-Seguro recommenda tambem a sua leitura, conjuntamente com a do livro não menos curioso do borgonhez Pierre Moreau.

Escriptos desta natureza são uteis e indispensaveis subsidios, não só ao historiador, como aos que querem adquirir um conhecimento aprofundado da historia patria.

Peço toda a benevolencia do leitor esclarecido para a minha versão. Confesso os seus defeitos, mas devo tambem declarar que muitos delles, pelo menos os de estylo, são inevitaveis.

Tive o pensamento de discutir as difficuldades do texto em notas explicativas, e já havia escripto algumas, quando mudei de proposito, porque o commentario sahiria longo e enfadonho, attentas as incorrecções da linguagem do autor e as muitas faltas de impressão que se notam no texto.

Terminando, cumpre-me agradecer ainda uma vez os muitos obsequios, com que o Sr. José de Vasconcellos me tem honrado. Poz á minha disposição a sua bibliotheca, que é um thesouro, e as columnas do seu conceituado *Jornal do Recife*, e de uma e outra cousa tenho usado largamente. O exemplar do *Diario* de Van den Broeck, bem como varias outras obras tão raras quanto preciosas, que se acham em meu poder, lhe pertencem. Portanto me é grato dar-lhe um publico testemunho de que tantas attenções e finezas me teem summamente penhorado.

Recife, 28 de Agosto de 1875.

José Hygino Duarte Pereira.

Diario de Matheus van den Broeck

.....

Claro parece que a traição dos Portuguezes em Pernambuco foi traçada na Bahia de Todos os Santos, e é fóra de duvida que o plano foi posto por obra com sciencia do rei de Portugal por meio dos seus enviados, que vieram a Pernambuco como embaixadores de amizade e alliança. São esses enviados naturaes da terra, seus paes e amigos, que assistiam em Pernambuco e na capitania da Parahyba, durante a passada guerra tiveram sempre na campanha a principal autoridade, e na presente servem André Vidal de Negreiros como mestre de campo, e Nicolau Aranha como capitão-mór. Pelos fins do anno de 1644 vieram elles em embaixada ao Recife, trazendo cartas mui cortezes do rei de Portugal aos Nobres e Altos Conselheiros, nas quaes el-rei lhes agradecia o muito obsequio, com que tratavam os moradores portuguezes. Dest'arte houveram os ditos embaixadores permissão de livre ingresso em nossas terras, fortalezas e guarnições, e della se serviram para melhor pôr em effeito sua traição (como está agora manifesto), frequentando André Vidal diariamente a casa de João Fernandes Vieira.

No começo deste anno de 1645 correram vozes e boatos em Pernambuco de como na Bahia se faziam aprestos de guerra, eram chamadas á cidade as tropas que se achavam fóra, e se levantavam novas companhias. Em Março pouco mais ou menos propalou-se geralmente que eram chegadas á terra tropas bahianas, mas não foram essas novas tomadas em consideração. No ultimo de Maio vieram noticias mais seguras, como D. Phelippe Camarão e Henriques Dias haviam passado o rio de S. Francisco, e marchavam para Alagoas. Os nossos, pela sua muita confiança, não tiveram conta com essas noticias, mas depois bem viram quanto andaram mal avisados.

17 de Junho.—Amador de Araujo, senhor do engenho Tabatinga, sito entre Santo Antonio do Cabo e Ipojuca, levantou-se contra o nosso Estado, aprisionou os Neerlandezes da freguezia do Ipojuca, pôl-os a ferros e metteu-os no convento de S. Francisco. Os Portuguezes mataram logo a trez Judeus.

18.—Reunio Amador todos os seus, que seriam em numero de quatrocentos homens, no engenho Tabatinga. Ahi começaram a fazer seus armazens e a se prover d'armas.

21. — De Santo Antonio do Cabo foi expedido o tenente Jacob Flemmingh com trinta soldados e doze de cavallo, para saber de Amador de Araujo o que queriam os revoltosos, porque tomaram armas, em nome de quem, e contra quem? Foi-lhe respondido que de si mesmos se puzeram em armas contra os Flamengos, sob cuja tyrannia não mais queriam viver.

Idem.—Para lá seguio do Recife o senhor Hendrick van Hous, tenente-coronel e chefe da milicia no Brazil, levando comsigo alguns quatrocentos homens, a saber, duzentos brancos e duzentos indigenas; e em Santo Antonio do Cabo recebeu o reforço de oitenta soldados e vinte e dous paisanos montados. A' seguinte manhã, 23 do corrente mez, aba-

lou com esta força para Tabatinga, e chegando ao posto avançado dos rebeldes, logo romperam estes fogo, e se puzeram em retirada. Os nossos os seguiram, e foram encontrar na igreja de Santa Luzia bom esbulho de vestidos de mulher. Aqui os indigenas mataram um ermitão e um sapateiro. Obra de meia hora de viagem de Ipojuca, encontraram Amador de Araujo com trezentos ou quatrocentos homens postos em ordem de batalha, para, ao que parecia, fazer-nos rosto, mas, tanto que a nossa vanguarda atirou, se puzeram em fugida, e sendo acossados pelos nossos, que lhes mataram vinte e dous ou vinte e trez homens, se lançaram á monte. Avançou o chefe Hous para Ipojuca, onde encontrou no convento trinta ou quarenta Neerlandezes todos mettidos em ferros: eram paisanos que assistiam na campanha, e haviam sido aprisionados por Amador de Araujo.

24.—O senhor chefe Hous fez sahir algumas partidas para procurar e incommodar o inimigo; entre outros poz-se em campo o tenente Wenzel Smit com cem indigenas, e, sendo no engenho Tabatinga, fizeram-no retroceder com perda de oito ou dez homens alguns Portuguezes, que estavam de emboscada.

25.—A maior parte dos rebeldes portuguezes de Ipojuca vieram pedir novos passaportes, promettendo estarem fielmente a nossa obediencia, e foram promptamente attendidos pelo chefe Hous. Este mesmo dia foi apprehendido um certo Francisco Goudinho, lavrador de Amador de Araujo e um dos principaes rebeldes. Como este sujeito mandara levantar uma forca em Ipojuca para aquelles que se não quizessem revoltar, o senhor tenente-coronel o mandou pendurar de sua propria machina.

Na entrada de Julho abalou o tenente-coronel Hous de Ipojuca para Santo Antonio do Cabo, deixando ahi o tenente Flemmingh com trinta soldados.

Pouco mais ou menos nesta data chega ao Recife a noticia de como João Fernandes Vieira tambem havia reunido gente, e se acolhêra á matta, que fica acima de S. Lourenço, para onde iam diariamente affluindo os revoltosos. Sahio ao seu encontro o capitão Jan Blaer com alguns trezentos homens, a saber, noventa voluntarios, cem soldados e mais de cem indigenas, que foi a maior força que os nossos poderam retirar das guarnições. E porque o capitão Blaer teve noticia que Vieira, havendo estado no engenho Masiappe, se encaminhára para S. Lourenço com perto de mil homens, aguardou a vinda do tenente coronel Hous, para fazer-se em um corpo com elle e então accommetterem ambos os rebeldes.

2 de Julho.—Avançou o tenente-coronel Hous de Santo Antonio para Muribeca, mas, por causa de copiosas chuvas (1), não pôde ir alem do engenho Velho, onde houve noticia que João Fernandes Vieira era para as bandas de S. Lourenço, e alli esperava Amador de Araujo.

3.—Seguio o chefe Hous para Muribeca, onde se achavam alguns dos rebeldes. Estes porém, dando fé dos nossos, logo se recolheram ao matto.

7.—Como, por causa das muitas chuvas, não pôde o chefe Hous proseguir em sua marcha para cima por Santo Amaro, seguio para baixo pela Varzea, caminho de S. Lourenço.

8.—Sobre a noite foi em S. Lourenço, onde não encontrou viva alma, a não ser um sargento que sahira do Recife com dezessete homens

(1) « Sobreveio uma invernada tão grande qual nunca os homens antigos do Brazil se lembram ter visto. » — *Valeroso Lucideno* pag. 172.

para haver farinha. Um irlandez chamado Thomas de Banck, que se passára para os rebeldes, os trahira e matára.

9.—De manhã cedo partio o chefe para Masiappe, deixando em S. Lourenço um alferes, Jan Copijn, com vinte soldados, para chamar ás suas casas os moradores, que de medo se haviam em sua maior parte dispersado. A meio caminho encontrou-se com o capitão Blaer, que se achava á frente de alguns trezentos homens entre brancos e indigenas, de modo que agora faziam os nossos numero de setecentos homens. Como declarasse o capitão Blaer que, segundo estava informado, João Fernandes Vieira se achava no engenho de Arnaud d'Olanda com mil ou mil e cem homens, assentou o senhor tenente-coronel de seguir para Masiappe, e logo fez a tropa passar o rio em jangadas, afim de entrar no engenho por traz e assim sorprender os rebeldes.

10.—Como a tropa foi da outra banda, o senhor tenente-coronel, depois do meio-dia, recebeu aviso dos Nobres e Altos Senhores Conselheiros que toda Ipojuca se levantára de novamente, e Amador de Araujo puzera cêrco a Santo Antonio do Cabo com seiscentos rebeldes, e já havia morto um sargento e dezesseis homens. Apezar desta noticia, continuou o senhor tenente-coronel a avançar para o engenho. Sobrevindo a noite, succedeu que os indigenas se tomassem de um terror panico no matto, por causa de um cavallo que desparára por elle. Perdeu-se ahi um alferes, que, tendo-se transviado da tropa, não tornou mais a apparecer.

A' tardinha do seguinte dia, chegou o chefe Hous ao engenho de Arnaud de Olanda, onde os rebeldes haviam estado em numero passante de mil, mas, avisados da vinda dos nossos, se tinham em sua maior parte retirado, menos duzentos homens. Sendo estes tambem advertidos pelos tiros de sua sentinella (apprehenderam e assassinaram vilmente um dos nossos), se puzeram igualmente em fugida. Os nossos acudiram logo ao fogo, e passaram á espada a sentinella e mais trez ou quatro homens.

Ao outro dia appareceu um Portuguez com uma bandeirola branca para pedir perdão, mas os indigenas logo o degolaram, sem lhe dar lugar a ser ouvido. Este mesmo dia o capitão Blaer teve ordem de sahir com um bom troço em procura do inimigo, que se havia retirado para Tapicuna (Tapacurá), mas, por estarem crescidas as aguas do rio, não pôde ir ter ao engenho. O senhor tenente-coronel mandou tambem que o capitão Fallo com trezentos homens entre brancos e indigenas fosse levantar o cêrco de Santo Antonio.

A' manhã de 16 chegou este capitão a Muribeca, mas ahi ficou, porque recebeu uma carta dos Altos Conselheiros, ordenando-lhe que não avançasse antes de se juntar com o senhor tenente-coronel, porquanto achava-se o inimigo numeroso em torno de Santo Antonio. Neste entretanto os rebeldes, avisados por um André Soares, retiraram-se de Santo Antonio por Gouaou (Grujahú ?)

17.—Chegou a Muribeca o senhor tenente-coronel com o resto das nossas forças, e logo ordenou ao capitão Blaer que se fizesse na volta de Santo Antonio do Cabo com duzentos homens entre brancos e indigenas. Mas, como o inimigo já se havia retirado, não o encontrou o capitão Blaer, e a 22 tornou a Muribeca.

28.—O senhor tenente-coronel seguio de Muribeca para Geboatas (Jaboatão), onde teve alguns recontros, mas de pouca consideração. Depois de alguns dias dirigio-se aos curraes *(couralen)* de João Fernandes Vieira.

2 de Agosto.—O senhor tenente-coronel chegou á casa do Covas

(engenho de Belchior Covas), onde pernoitamos. Ao outro dia, 3 do corrente mez, puzemos fogo a casa e tendas, onde acampara o inimigo, e nos puzemos a caminho. Tendo avançado obra de trez ou quatro leguas, acercamo-nos de um posto avançado do inimigo, que atirou contra os da nossa vanguarda, e se retirou para os seus, que eram da outra banda do rio. Os nossos vadearam tambem o rio, cujas aguas davam-lhes pela cintura, e sahiram em uma pequena campina ao sopé de um monte assim coberto de tabocas ou canas cortantes, que não podiam ver o inimigo, que alli estava em numero grosso. Nada obstante os nossos, que tambem eram numerosos, o foram buscar com muita coragem, do que se seguiram muitas mortes e ferimentos, assim de officiaes como de soldados. Os indigenas houveram-se optimamente, e brigaram com valor. Durou este combate desde as duas horas da tarde até que a noite veio separar os combatentes. Como a nossa polvora estava quasi de todo consummida, o chefe Hous retirou-se durante a noite para Tapicura, levando o maior numero possivel de feridos. Perdemos uns duzentos homens, uns mortos e outros feridos, entre os quaes varios officiaes, como o capitão Andries Fallo atravessado por uma bala, do que veio depois a morrer no Recife, o capitão Siequema ferido em trez partes, o tenente Hoyckesloot morto, o tenente Jacob Hemel morto, o tenente Schot ferido mortalmente (depois morreu), e mais outros.

Creio que o inimigo não recebeu tambem pequeno detrimento, pelo menos sei que perdeu duas pessoas principaes, o capitão João Paes Cabral e Ignacio Mendes de Azevedo, e outros; e pois não tem muito de que gloriar-se. E si não fôra a estreiteza do passo, que apenas permittia caminharem emparelhados dous homens, bem como o grande escarpamento do monte, e as tabocas cortantes que muito estorvaram os nossos, pois os mais dos nossos andavam descalços, as cousas houveram facilmente corrido de modo diverso.

4.—O senhor tenente-coronel chegou a Tapicura, e d'ahi seguio para S. Lourenço, onde repousámos alguns dias, e nos provemos de polvora, chumbo e murrões. Seguio depois para o engenho Nassou na Varzea, onde acampou.

Neste entretanto haviam desembarcado em Tamandaré os mestres de campo Martim Soares Moreno e André Vidal de Negreiros, com mil e setecentos ou mil e oitocentos homens vindos da Bahia. Sem detença marcharam para Serinhaem, cujo fortim sitiaram e tomaram, e muito mal se houveram com os indigenas, não cumprindo com o que haviam promettido (1). Procedendo em sua marcha, desceram para Ipojuca afim de cercar tambem Santo Antonio, mas ficaram em Pindova (Pindoba).

10.—Em Santo Antonio do Cabo receberam os nossos a noticia de

(1) O rigor de que usavam os Portuguezes com os Indigenas, provinha de que « — sendo vassallos del-rei, e nascidos na capitania de Pernambuco, e criados aos peitos da Santa Madre Igreja Romana, e doutrinados na Fé de Jesus Christo Nosso Salvador, elles se haviam mettido com o inimigo, e o haviam encaminhado, e ajudado a nos ganhar a terra, e haviam sido os maiores traidores, e mais carniceiros tyrannos que nesta guerra haviamos tido, roubando aos moradores, profanando as Igrejas, desflorando por força as donzellas, e violando as casadas, e finalmente matando aos innocentes por comprazer aos Flamengos, e por a grande sêde que tem do sangue Portuguez. » — *Valeroso Lucideno* pag. 223.

(N. do Trad.).

haverem as tropas da Bahia seguido de Pindova e chegado á Tabatinga, noticia que logo foi communicada aos Altos Conselheiros. Estes ordenaram ao ex-capitão de cavallaria Jasper van der Ley, coronel dos paisanos, que deixasse Santo Antonio, e se retirasse para a fortalesa de Nazareth (*van der Dussen*) no Pontal, o que Ley effectuou entre os dias 11 e 12.

O inimigo chegou uma hora tarde para sorprender os nossos em Santo Antonio, mas ahi incorporou-se com João Fernandes Vieira, bem como com Camarão e Henrique Dias, que por terra tinham vindo da Bahia. Assim que tinham ao presente reunidas todas as suas forças em Santo Antonio.

Idem.—Porto-Calvo.—Desde o começo de Junho andavam o Camarão e Henrique Dias com mil e quatrocentos ou mil e quinhentos homens entre indigenas e negros na matta de Santo Antonio Grande, não podendo avançar, como desejavam, por causa das copiosas chuvas. Neste meio tempo fizeram os nossos seu armazem no forte, e os paisanos ficaram a cargo do capitão David de Vries. Na entrada de Julho, tendo os do forte recebido noticias do Recife, ficaram sabendo que os moradores se haviam revoltado, e que o tenente-coronel Hous se puzera em campo para accommodal-os ou fazer-lhes rosto. E começaram os camponezes a cercar de tal modo aquelle forte, que os nossos não ousaram mais deixar o abrigo de suas muralhas. E' assim que, tendo o commandante Piere Chan Fliery mandado na entrada de Agosto que o alferes Willem Robberts fosse com doze soldados escoltar pelo rio o barco do capitão Pieter Claesz, e sendo acompanhado voluntariamente o dito alferes pelo secretario Ravenswap e mais cinco homens entre paisanos e gente de trem, a 6 soube-se por dous soldados escapos que os Portuguezes, emboscados em numero de sessenta, haviam mettido á espada todos os nossos; e deste modo proveram-se os rebeldes de boas armas. Ficaram pois os nossos inteiramente cercados e apertados em seu forte. Como estavam mui arruinadas as muralhas, começaram a reparal-as, conforme podiam, e a fortalecer a praça com palissadas, e no meio della levantaram um cavalheiro, que tudo dominava. Em dito forte alojou-se o capitão David de Vries com os paisanos. A 7 descobriram que com as copiosas chuvas penetrára agua na cava da polvora, e sendo esta pouca, ficou quasi de todo deteriorada. A 8 passou-se para o inimigo o francez Francisco Piscot, que era sargento dos burguezes, e por elle ficaram sabendo os contrarios o estado do nosso forte. A 9 deligenciou David de Vries, acompanhado de alguns soldados, recolher para dentro do forte o gado, que vagava ao redor delle, pois o inimigo tencionava leval-o; de feito foram recolhidas algumas cabeças. Tendo o inimigo assentado os seus quarteis ao alcance do canhão do forte, mas por traz de montes, não ousaram mais os nossos pôr a cabeça de fóra.

11.—Forte *Mauritius* no rio de S. Francisco.—De manhã ordenou o commandante Samuel van Koyn (pois suspeitava traição) que dous soldados fossem recommendar aos da campanha trouxessem para junto do forte as setenta cabeças de gado, em que tinham sido tributados pelos escabinos; esses soldados foram cruelmente mortos. Este mesmo dia chegaram da Bahia por terra duas companhias ao mando de Nicolau Aranha e do capitão Francisco Lopes, acompanhadas de alguns oitenta camponezes do Rio-Real bem armados e commandados pelos capitães Diogo de Oliveira e Pedro Aranha, os quaes se mostraram ao outro dia pelas dez horas. Tomaram-nos um batel grande, causando-nos assim não pequeno damno. Os marinheiros, que estavam no matto, percebendo que lhes levavam o batel, gritaram—quem está ahi? e responderam-lhes com trez tiros. Jogou o canhão do forte, mas o inimigo desceu o rio no ba-

tel, e depois o queimou. Em dito forte nada haviam sabido anteriormente acerca da revolta, e esperavam que permanecessem fieis os moradores; souberam porém que trez ou quatro dias antes elles haviam assassinado alguns paisanos neerlandezes, *lavradores de roças*, pescadores, *feitores de curraes* (1), ao todo trinta e seis ou trinta e sete homens. Tambem mataram sete soldados e malferiram o tenente Hans Koeger, que haviam sahido para pôrem sob a protecção do forte as canôas, que estavam no rio, ou afundil-as afim de impedir ao inimigo a navegação do mesmo rio; deram quartel ao tenente, mas trez dias depois o mataram.

12.—Os rebeldes ajudados das tropas bahianas pozeram cêrco ao forte, e deputaram aos nossos o parocho daquelle districto, chamado Amaro Martins, para requerer a entrega da praça. Allegou o enviado que por então podiam os nossos obter quartel, porquanto o commandante Aranha viera da Bahia em soccorro dos Hollandezes, ao passo que os moradores desejavam matal-os todos. A estas e outras razões que taes respondeu o commandante Koyn que, si o capitão Aranha viera como amigo, como tal ser-lhe-hia bem acceito, mas d'outro modo não, pois estava bem provido de polvora e bala. Com este recado retirou-se o guapo embaixador. Logo depois ouvio-se toque de caixa, e foi o inimigo assentar acampamento ao lado de Penedo por traz de um monte. Não cuidaram mais os nossos que em reparar as muralhas e preparar outros meios de defesa, e não mais ousaram sahir do recinto da praça.

Este mesmo dia os do Recife avistaram ao mar varias velas, que conheceram serem portuguezas. Sobre a noite essas velas deram fundo diante do Recife e ao sul dos nossos navios, que em numero de cinco estavam surtos no porto. Compunha-se a armada portugueza de vinte e oito velas, e tinha por almiranta um grande galeão, O senhor almirante Lichthardt passou-se sem detença ao porto, e providenciou acerca dos nossos navios. A' noite converteram em brulote o naviozinho *Gulden Ree* para queimar o grande galeão, que não seria facilmente tomado; os navios *Deventer* e *Propheet Elias* porfiaram por se fazer ao mar, mas o vento cursava delle, e não poderam apartar-se da costa.

13.—Amanheceu ainda perto dos nossos navios a armada portugueza com bandeiras brancas, ao que responderam os nossos alvorando a bandeira vermelha e o pavilhão do Principe. Ordenou o senhor almirante que se dirigissem á armada portugueza a sua chalupa e batel, e os Portuguezes lhe enviaram dous embaixadores em uma pequena caravela. O capitão do navio *Uytrecht*, tendo sido mandado pelo almirante ao galeão, foi mui bem recebido do general, e de volta informou ao Senhor Licht-hardt que a capitanea portugueza era um poderoso vaso, contendo, segundo sua estimação, alguns trezentos homens. Seguio logo para terra o nosso almirante com os ditos embaixadores, que foram recebidos pelos Senhores Altos Conselheiros e immediatamente ouvidos. Eram embaixadores do general da armada, Salvador Correia de Sá, e traziam uma carta do governador geral da Bahia, Antonio Telles da Silva, dirigida aos Nobres e Altos Senhores Conselheiros. Em dita carta se continha o seguinte:

« Em minha carta anterior assegurei a Vossas Nobrezas que, segundo as ordens d'el-rei nosso senhor, estava eu disposto a assistir lealmente ao governo de Vossas Nobrezas, e porque, depois que para ahi partio o Sr. Jeronymo Ferrão de Paiva com os soccorros, que vos enviei, chegou a este porto o Sr. Salvador Correia de Sá, general da armada vinda

(1) As palavras sublinhadas são textuaes.

(N. do Trad.).

do Rio de Janeiro, lhe ordenei que sem detença fosse surgir com seus navios no porto do Recife, e enviasse á terra duas pessoas de distincção para beijarem as mãos de Vossas Nobrezas, e em nome de nosso rei apresentar-vos esta armada, que vae em vossa assistencia. »

Os embaixadores trouxeram tambem cópia da carta que o governador Antonio Telles da Silva dirigira aos Altos e Nobres Conselheiros, quando lhes enviára Jeronymo Ferrão de Paiva com aquelles soccorros, e cujo original ainda não lhes havia chegado ás mãos. Resava essa cópia « que os Senhores Conselheiros lhe haviam enviado dous embaixadores para lhe pedirem auxilio contra os revoltosos de Pernambuco, bem como para se queixarem de que houvessem sahido tropas da Bahia em assistencia dos mesmos rebeldes ; protestava elle governador altamente que, si alguma força viera a Pernambuco, nenhuma ordem dera neste sentido, e tudo se passára sem sua sciencia, antes prohibira terminantemente por publicos editaes que se atrevessem a fazel-o, sob penas corporaes, como podiam testemunhar os nossos que lá foram de embaixadores. Quanto a D. Philippe Camarão, general dos Indios, e Henrique Dias, capitão dos negros militares, havia muito que tinham sido dispensados do serviço d'el-rei, pois que durante as treguas (em que muito confiava) não tinham tido emprego algum de sua mão, e como Camarão costumava dizer que queria tornar para Pernambuco, sua velha patria, acreditava que por esta razão se partira para aqui, e tomára por companheiro a Henrique Dias, pois eram bons amigos. Finalmente quanto ao auxilio requerido pelos embaixadores, enviava com a carta a Jeronymo Ferrão de Paiva, general da flotilha, e dous mestres de campo, Martim Soares Moreno e André Vidal de Negreiros, a quem ordenára seguissem quanto antes na flotilha, que se achava então na Bahia, para Tamandaré, onde desembarcariam afim de irem prender a João Fernandes Vieira (1). A' esta carta juntaria cópia da que lhe escrevêra o mesmo Vieira. »

Cópia da carta que me dirigio João Fernandes Vieira. Dizia em substancia que « os Hollandezes tyrannisavam os moradores de Pernambuco, pois eram estes assassinados e trucidados por tapuyas e indigenas, (2) o que os Hollandezes, a pretexto de culpas, entendiam ser necessario, e muitas outras queixas ; pedia pois assistencia contra os Flamengos, visto como não estavam dispostos a supportar por mais tempo tal oppressão, e por isso já haviam tomado armas. »

Igualmente mandou cópia da carta que em resposta dirigira a João Fernandes Vieira, na qual se lia que « ficava entendido do seu pedido de assistencia ; que tal pedido era de christão, porquanto elles pertenciam a uma nação sujeita a um rei e senhor ; entretanto, como elle governador tinha ordens expressas do rei de não violar de modo algum a paz assentada com os Hollandezes, pelo contrario de assistil-os, si para isso fosse requerido, negava-lhe todo o soccorro, e o que enviava aos Altos Conselheiros tinha por fim arranjar os negocios de modo que os moradores viessem a ser restituidos á tranquilidade e liberdade, em que anteriormente viviam e traficavam ; tudo com muitas palavras sonoras,

(1) Vid. Nieuhofs pag. 109.

(N. do Trad.).

(2) *Tapoyas ende Brazilianen.*—Parece-me que os indigenas, que o autor designa com o nome de *Brazilianen* para distingul-os dos Tapuas, eram os *caboclos* ou *indios Pitiguares.*

(N. do Trad.).

assegurando a muita fidelidade que em nome do seu rei guardava a este Estado dos Hollandezes. »

Em consequencia destas communicações, os Altos Conselheiros deputaram os Srs. Gijsberth de With e Henrique de Moricheroyom ao general Salvador Correia de Sá para agradecer-lhe mui amigavelmente a offerecida assistencia, que tinhamos por suspeita, pois não a haviamos pedido, e portanto rogar-lhe que em nome da amizade houvesse de levantar ancoras, e caso assim não fizesse, empregariamos os necessarios meios (que Deus nos havia de facultar) para a isso forçal-o.

Pela tarde, estando promptos os ditos enviados para seguirem para o porto com os embaixadores portuguezes, que haviam sido hospedados e bem tratados em casa do Sr. Walbeecq, levantou se um vento forte que forçou a armada a desaferrar e fazer-se á vela. Tornaram pois os nossos enviados sem haver dado desempenho a sua commissão, e os Portuguezes seguiram a armada na pequena caravela.

13.—Fortaleza de Nazareth *(van der Dussen)*. De Santo Antonio do Cabo foram á ella dous commissarios com cartas dirigidas ao commandante Hoogh-straten e Ley. Em uma lia-se que as tropas da Bahia haviam chegado a Santo Antonio para o fim de pacificar os moradores, que se tinham levantado contra os nossos, e não para violar a paz, comquanto fortes e poderosas razões para isso tivessem, pois bastava o que acontecêra em Coujaou (Cunhaú) e outros lugares ; o seu intento porém era reduzir os moradores á sua antiga obediencia. A outra, dirigida particularmente a Hoogh-straten, resava que esperavam elles cumprisse agora Hoogh-straten a promessa, que fizera na Bahia ao governador Antonio Telles da Silva, de lhes entregar a fortaleza. A estas cartas responderam Hoogh-straten e Ley com outra cheia de comprimentos. Com isto se foram para Santo Antonio os dous commissarios, que eram João Gomes de Mello e o alferes de Paulo da Cunha.

14.—Retiraram-se de Santo Antonio, e caminharam toda a noite as forças inimigas distribuidas em duas divisões, uma ao mando de Martim Soares Moreno, e a outra ao de André Vidal de Negreiros, por haverem sido informados que o tenente-coronel Hous se achava no engenho Nassou, sito na Varzea, com uma força que não excedia a quatrocentos homens. Marcharam pois André Vidal, João Fernandes Vieira, Camarão e Henrique Dias para Muribeca, onde fizeram corpo com elles os moradores da freguezia e da Varzea. Martim Soares Moreno seguio para Alagôa Wais com a outra divisão e os burguezes de Ipojuca e Santo Antonio, e á manhã de 15 chegou ao monte do cabo. A 16 mandou Martim Soares dous commissarios á fortaleza, a saber, o capitão Paulo da Cunha Sotto Mayor e João Gomes de Mello, a quem Hoogh-straten (como si estivesse agora manifesto) não quiz ouvir, e pois tiveram de voltar sem nada haverem feito.

15. — Chegou em um barco ao Recife o tenente La Montagne com seus soldados e alguns paisanos, acompanhado de um alferes portuguez, portador da carta original do governador Antonio Telles, cuja cópia acima fica, acerca dos soccorros que enviára por Jeronymo Ferrão de Paiva, e de outras de André Vidal, em que se desculpava muito mal do que fizera em Serinhaem, dando todavia a conhecer que tinha ordem de não deixar, para segurança de suas tropas, forte algum atraz de si. Deu razão o tenente das forças do inimigo e entrega do fortim, ao que se vio forçado ; referio que em dito fortim achavam-se trinta e nove indigenas, aos quaes prometteram os Portuguezes quartel, mas não compriram a sua promessa, pois esperaram-nos nas palissadas e os assassinaram. Soube o capitão Blaer que o inimigo tinha em seu poder

sua mulher e a do ex-capitão Johannis Hick, tenente-coronel dos paisanos, e muito desgostoso ficou com esta noticia.

16.—Parti do Recife a cavallo para o engenho Nassouw afim de seguir para o engenho Rotterdam (onde era o meu alojamento), e que daquelle dista sómente meia legua, pois alli tinha que fazer. No acampamento do nosso exercito soube que o capitão Blaer sahira com sua companhia de arcabuzeiros. Voltou á tardinha trazendo trez mulheres portuguezas, a saber, a de Francisco Berenguer, sogra de João Fernandes Vieira, a de Antonio Bezerra e a de Amaro Lopes, as quaes, segundo elle disse, seriam remettidas ao Recife e ahi mantidas, até que a sua mulher e a do capitão Hick lhes fossem restituidas. Deixára o seu tenente com seis ou sete homens brancos e cinco ou seis indigenas fóra do quartel, para passarem a maior parte da noite no engenho do senhor Stadt-houder; voltaram elles á seguinte ante-manhã ao quartel. Este mesmo dia avançaram André Vital, João Fernandes Vieira, Camarão e Henriques Dias com todas as suas forças para a Varzea, e sendo noite chegaram ao engenho de D. Cosma, sito a menos de um quarto de hora do engenho do Stadt-houder. Pretendem alguns que elles tiveram noticia de lhes haver o capitão Blaer levado as mulheres, pois que, se assim não fôra, não ter-se-hiam aproximado. Do dito engenho partiram ante-manhã.

17.—De manhã cêdo parti do engenho Rotterdam para o engenho Nassouw afim de seguir para o Recife. No engenho Nassouw detiveram-me um pouco alguns amigos. Pelas sete horas, veio um mensageiro avisar ao senhor tenente-coronel que muitos Portuguezes haviam passado o rio, e se aproximavam. Perguntando-se-lhe si o inimigo era numeroso, respondeu elle: *tanta gente como terra* (1). Sendo ouvido o tenente, declarou que durante a noite não tinha havido novidade, nem soubera cousa alguma. Pouco depois aproximando-se o inimigo, fez fogo sobre a nossa guarda avançada, ao passo que Camarão seguia para o Real fim de occupar com os seus indios os caminhos, que conduzem ao Recife. As nossas poucas forças, que não excediam a duzentos e cincoenta brancos e duzentos indigenas, se puzeram em armas na campina com a possivel presteza. Acércando-se desse lugar o inimigo em numero de trez mil homens entre infantes e gente de cavallo, fez retirar-se sobre nós a nossa guarda avançada com perda de alguns, e como, depois de escaramuçarmos um pouco, não podessemos manter o campo, fomo-nos recolhendo para a casa do engenho, que, a não tomarmos este alvitre, o inimigo nos houvera facilmente cortado a retirada, pois já o capitão Magalhães (como elle mesmo disse-me depois) se havia apartado da batalha com sua companhia para este effeito, e nos levou o alferes Flory com um bom troço assim de brancos como de indigenas. Recolhidos na casa, oppuzemos forte resistencia, combatendo ainda durante duas boas horas, até que emfim consumio-se o melhor de nossa polvora, e inflammou-se o resto por infelicidade nossa; além disto, havendo-se o inimigo apoderado de um lado da parte inferior de dita casa, onde mettêra lenha, palha e polvora, corremos o risco de saltar e sermos trucidados, pelo que clamámos por quartel, e sendo-nos este concedido, mandamos fóra o tenente La Motta. Veio ter comnosco um capitão portuguez da Bahia, e prometteu que nos seria dado bom quartel; mas como o chefe e principaes officiaes desejassem fallar com os proprios governadores, compareceram immediatamente André Vidal e João Fernandes Vieira, a quem requereram podessemos seguir para o Recife com todas as nossas armas, pe-

(1) Textual.

dido que foi redondamente recusado, declarando-se que sómente concederiam a nós e aos indigenas quartel e passagem, que era o que devíamos sollicitar. No entretanto certo padre, impaciente com a demora deste concêrto, tomando Vidal pela manga, lhe perguntou para que tantas condições, que os adversarios estavam em suas mãos, e *naquelle dia tinham ainda que fazer maior obra.* Disse pois immediatamente Vidal: « si Vossas Nobrezas acceitam estas condições, bem está, e si não, hão de haver-se outra vez com as nossas armas. » Portanto forçoso foi rendermo-nos e acceitar as seguintes condições, escriptas em portuguez e vertidas para hollandez:

« Porquanto somos forçados, em consequencia do combate havido, a nos entregarmos ás mãos dos nossos inimigos presentes, o general André Vidal de Negreiros e João Fernandes Vieira, rendemo-nos sob a condição e promessa de ser concedido quartel assim á nós Neerlandezes como aos indigenas, e passagem para onde nos aprouver, o que, em fé da verdade, é confirmado com juramento aos Santos Evangelhos. — 17 de Agosto de 1645. Estava assignado: André Vidal de Negreiros e João Fernandes Vieira. »

Depois que validámos este accordo, pedimos que nos mandassem para a armada portugueza, afim de sermos enviados para Portugal e não para Bahia, e André Vidal, tomando a penna, escreveu o seguinte de seu proprio punho em dita capitulação:

« Estes Senhores irão para o Cabo ou Ipojuca afim de embarcarem na armada. Declaro que não somos inimigos seus, mas viemos para ajudar os moradores, que em toda a terra eram mui molestados, e foram capitaneados por João Fernandes Vieira. Concedemos que os officiaes conservem as suas espadas, o que promettemos sob nossa palavra de christãos. Estava assignado: André Vidal de Negreiros. »

Estando os generaes dentro da casa, fallou commigo João Fernandes Vieira (pois estavamos da parte de fóra), e permittio que eu trouxesse a minha espada, e tambem prometteu enviar-me para o Recife, com o que muito folguei.

Sem embargo da capitulação, depois que foram desarmados e sahiram os soldados brancos, assassinaram a sangue frio e infamemente trucidaram os indigenas, que seriam ainda em número de cem. Vendo elles a sorte que os aguardava (pois os Portuguezes começaram a matal-os antes de lhes haverem tomado as armas), oppuzeram grande resistencia primeiro que os pudessem desarmar. Quando lhes pareceu que eram todos mortos, veio um alferes portuguez com trez ou quatro soldados observal-os; o alferes, dando com o pé em um dos indigenas, que estava mui malferido entre os mortos, disse: *me parece que este está ainda vivo*, e tal ouvindo o indigena, pois elles fallam portuguez, poz-se em pé de um salto, empunhando um faca que tinha comsigo, cravou-a no coração do alferes e ferio um soldado, O outro, presenciando esta acção, fez-lhe logo a cabeça em pedaços, e para tomar vingança da morte do alferes, deu algumas cem estocadas no cadaver.

Na casa tivemos trinta e sete mortos, entre os quaes o tenente Trillanius. O inimigo perdeu um dos seus capitães principaes, e teve mais de cem feridos.

Duzentas e quatro pessoas foram conduzidas prêsas ao engenho Remeces (1) de João Fernandes Vieira, entre as quaes o tenente coronel Hous, o commandante Listry, os capitães Wilt Scheut e Blaer, trez

(1) Engenho de S. João Baptista na Varzea, segundo os chronistas portuguezes.

(N. do Trad.)

tenentes, dous alferes, trez paisanos, os Srs. Jacob Dasine, Jacob Vermeulen e eu. Todos nós, menos o sr. tenente coronel e seus officiaes mais graduados, fomos encerrados e guardados na casa de purgar. Antes de entrar para ella, fallei com Padro Coinbre com quem tinha relações; offereceu-me os seus serviços, e como eu lhe referisse o que me concedêra o governador João Fernandes Vieira, prometteu-me que m'o havia de alcançar, e para este fim lhe fiz presente de um bello annel com rubim.

18.— Os srs. tenente coronel, commandante Briston, capitães Wild-Scheut e Blaer partiram a cavallo para Santo Antonio do Cabo, e depois para Serinhaem afim de seguirem por terra para a Bahia. Entre Serinhaem e Santo Amaro mataram o bom capitão Blaer com quatro balas de liquação, que lhe atiraram de dentro do matto, e o deitaram do cavallo abaixo. Foi um afamado cabo de guerra, cuja morte é para lamentar.

Quanto a nós, continuavamos presos na casa de purgar. Deligenciavam os Portuguezes angariar para as suas fileiras os nossos soldados, fazendo-lhes muitas promessas, e até á epocha de minha partida perto de trinta se tinham prestado a servil-os. De dia em dia vinham junctar-se comnosco outros Hollandezes, presos aqui e acolá. Por vezes fizeram-os sahir dous a dous, a pretexto de seguirem para o Recife (viagem que não me agradando, deixei de sollicitar), e quando fóra do quartel, eram mortos, como aconteceu a Maximiliaen Guypijn e outros. Neste entretanto fomos accusados eu e Jacob Verneulen de escrevermos diariamente por meios secretos para o Recife. e como nos revistaram a ver si tinhamos comnosco penna ou tinta, não passámos pequeno perigo.

9.—Veio á fortaleza de Nazareth no Cabo um mulato do chefe Haus com cartas dos Portuguezes ao commandante Hoogh-straten, em as quaes referiam a derrota e prisão do dito chefe.

Este mesmo dia Hoogh-straten enviou ao Recife o *schout* (1) Holl com cartas, em que dava razão aos Altos e Nobres Conselheiros do estado do Pontal. E porque não ousasse sahir o capitão de navio Marten Thijsen pela barra do norte (visto como achava-se o inimigo no castello á borda d'agua), contando fazer-se ao mar pela do sul, ahi teve de esperar alguns dias por causa do tempo, e succedeu que na noite de 22 para 23 abordaram os Portuguezes o seu navio com barcos rasos, e o tomaram.

25.—Martim Soares e André Vidal tornaram a enviar á fortaleza Paulo da Cunha e João Gomes de Mello com cartas, em que communicavam aos nossos haverem elles apprehendido muitas mulheres no barco, e perguntavam si não queriam fazer-lhes entrega da fortaleza, pois bem sabiam elles que não podiamos conserval-a por mais tempo. A isto responderam Hoogh-straten e Ley, e ao mesmo tempo pediram que lhes reenviassem as mulheres, promettendo os embaixadores que assim o fariam. Tendo Hoogh-straten mandado copiar as cartas, cujos originaes foram tomados no barco, ordenou ao capitão Koert Bruynen que seguisse para o Recife em sua galeota, que estava ao pé da guarda avançada ou de fogo. O capitão Koert levantou ancora, e se fez á

(1) *Schout* quer dizer *bailio*. Os nossos, aportuguezando esta palavra, a converteram em *escolleto ou esculteto*. « Era a autoridade executiva, ou delegado da administração e promotor publico do lugar; e ao mesmo tempo executor da fazenda. » (*Varnhagen*).

(N. do Trd.)

vela, e como o castello d'agua o salvasse, respondeu-lhe com os seus trez pedreiros (1), e transpoz a barra. A' noite foi ter alem do Recife, e entrou em Itamaracá, d'onde mandou as cartas por terra. Neste entretanto ordenou Hoogh-straten que vivamente jogasse a artilharia da fortalesa, o que aliás não parecia necessario, a não ser para gastar polvora.

27.— Os governadores mandaram á fortaleza os dous commissarios com as mulheres e cartas. Nestas faziam sentir a sua admiração pela tardança de Hoogh-straten.

Os nossos incumbiram aos commissarios que tão sómente agradecessem a restituição das mulheres, quanto á fortaleza não estavam resolvidos a entregal-a. Recolhidas as mulheres á fortaleza, espalharam entre os soldados a noticia do bom tractamento que haviam recebido dos Portuguezes,do que se causou passarem-se para os contrarios de quando em quando alguns soldados francezes.

29.—Jacob Dassine, Jacob Vermeulen, eu e doze soldados fomos enviados para Santo Antonio pelo governador Vieira, escoltados por soldados da Bahia, que nos trataram bem. A 30 chegámos a Santo Antonio, onde encontrámos presos o *Schout* Holl, trez marinheiros do barco tomado no Cabo, e o tenente Jacheris que, tendo partido antes de nós com os outros officiaes, aqui ficára por doente, Ao outro dia vieram da Varzea reunir-se comnosco mais vinte e um soldados.

Esperavamos que nos conduzissem para o Cabo afim de ahi embarcarmos, conforme nos prometteram, mas allegaram que a fortaleza ainda não se havia rendido, pelo que seguiriamos para Serinhaem, onde haviamos de embarcar. De feito para ahi partimos este mesmo dia, ficando Jacob Dassine detido em Santo Antonio por queixas de Pedro Marinho Falcão. Ia prêso comnosco, mas a cavallo, o *Schout* Holl, e um pouco adiante de Tabatinga, vindo atras de nós, foi derribado do cavallo e cruelmente assassinado, do que foi principal causa Jasper Gaisales Villus. A' tardinha chegámos a Ipojuca.

Na entrada de Setembro seguimos de Ipojuca para Serinhaem, acompanhados de alguns emissarios que se houveram muito mal comnosco. Pernoitámos no engenho Sibro de Beixo (Sibiró de Baixo ?), e ao outro dia chegámos a Serinhaem. Aqui todos nós, que eramos em número de trinta e nove pessoas, fomos mettidos em um sujo e fetido calabouço, onde mal cabiamos. Tractaram-nos muito mal.

Idem—De manhã cedo desceu do monte do Cabo á fortaleza de Nazareth um sargento reformado com cartas do governador ao commandante Hoogh-straten. Pedia-lhe que mandasse refens afim de se poderem entender, e estranhava a sua muita tardança em fazer entrega da fortaleza; si não lhe bastavam as promessas que lhe fizera na Bahia o governador Antonio Telles da Silva, elles estavam promptos a garantir o seu comprimento, e si essas promessas eram insufficientes, em nome do seu rei os accrescentariam. Foi concedida a conferencia, e escolhidos Johan Hick e o tenente Jacob Flemming para servirem de refens do capitão Paulo da Cunha Souto Maior e do auditor geral Francisco Brabo da Silva. Ao meio dia, justamente quando os nossos iam, chegaram elles com os seguintes artigos:

1°—Poderão viver livremente em sua religião, sem serem nella estorvados, uma vez que não deem escandalo.

2°—Poderão possuir e occupar livre e desembaraçadamente suas casas, engenhos e terras, cultival-as, e traficar com seus fructos nos mes-

(1) *Steen-stuck*. Peça de artilharia que atira pedras em vez de balas.

(N. do Trad.)

mos districtos, sem serem molestados por pessoa alguma, como os possuiam anteriormente sob a obediencia dos Altos Conselheiros.

3.—A todos os que se acham dentro e fóra da fortaleza, assim officiaes como soldados e gente de trem, serão pagos incontinente e em dinheiro de contado todos os seus soldos, e o que lhes deve a Companhia, Caso alguns tenham perdido na presente guerra alguma cousa de sua propriedade, ou seja gado, negros, ou quaesquer outros bens de qualquer qualidade e natureza que sejam, lhe serão restituidos,e si houverem perecido no serviço, serão indemnisados das perdas.

4.—A todos os que quizerem servir ao rei de Portugal, ou sejam militares ou paisanos, percebendo os mesmos soldos com que servem á Companhia, serão acceitos, e lhes serão logo adiantados dous mezes de soldo; os que, pelo contrario, se quizeram retirar, serão transportadas livremente e sem despezas com todos os seus haveres e bagagens para a Bahia, e d'ahi para o reino de Portugal etc.

O commandante adiou a sua resposta para o outro dia, e á tardinha, ao dar a senha, fez avisar ao cabo que á seguinte manhã havia de reunir-se o conselho. Reunido este, ponderou o commandante que o Recife estava de tal modo sitiado por terra e por mar que não podia delle sahir cão nem gato, e portanto não deviam esperar que daquella praça lhes viessem soccorros. Alem disto, não dispunham de mais de quinhentas a seiscentas libras de polvora, e os viveres, sendo mui poucos, seriam brevemente consumidos; e tendo elle respeito ás boas condições offerecidas pelo inimigo, ás quaes esperava accrescentar mais algumas, as acceitava.

O ex-capitão de cavallaria Jasper van der Ley, coronel dos paisanos, disse que não lhe fôra confiada fortaleza alguma, e pois não tinha fortaleza que entregar; que naquelle lugar tinha seu engenho com mulher e filhos, e não lhe convinha esperar até ás ultimas; eram rasoaveis as condições, e elle as acceitava.

O ex-capitão Johan Hick, tenente coronel das paisanos, allegou que era um particular, e alli tinha seus haveres com mulher e filhos nas mãos do inimigo; que Hoogh-straten era commandante, e podia fazer o que lhe parecesse bem.

Job Hick, ex-tenente, observou que era tambem um particular, e tinha mulher; não lhe convinha pois esperar até ao extremo.

Albert Gerritsen Wedda, ex-capitão-mor de campo, declarou que acceitava as condições. Tinha todos os seus haveres no Cabo,e não desejava perdel-os pela Companhia, pois bem sabia que, si os perdesse, ella não lhe daria outros.

O tenente Wenzel Smit fez sentir que não se embaraçava com a Companhia, e queria ir para a sua *roça*.

O tenente Jacob Flemming ponderou que, podendo-se conservar ainda a fortaleza, não cumpria entregal-a, Queria combater até o ultimo homem.

O alferes Barent van Tekelen-borgh e o commissario Johannes van Broek-huysen reflectiram que não lhes faltava cousa alguma, portanto opinavam que se combatesse até o ultimo soldado.

Conseguintemente foram acceitas as condições que atrás ficam.

A' tardinha vieram do monte, em que se achava o exercito inimigo, Paulo da Cunha, Francisco Brabo da Silva e outros sugeitos, trazendo certa somma de dinheiro; foram conduzidos á igreja do Pontal. Hoogh-straten ordenou que sahisse a guarnição da fortaleza com suas mochilas, e como alguns se mostrassem reluctantes a esta ordem, lhes dirigio palavras violentas. Foram logo pagos a cada soldado trinta florins,

que muitos não quizeram receber dizendo—somos traïdos! mas foram a isto forçados por Hoogh-straten. O tenente Jacob Flemmingh, que estava mui pouco satisfeito, tambem não quiz receber dinheiro, e foi mui iujuriado por Hoogh-straten; mas depois vio-se forçado a acceitar certa quantia. Tendo sahido os soldados, Hoogh-straten fel-os reunir na campina ao pé da fortaleza, e lhes propoz servirem ao rei de Portugal, promettendo-lhes que ficariam sob o seu commando, ao que alguns logo se prestaram. E assim a 8 deste mez foi a fortaleza entregue ás mãos dos traidores.

9.—Presos até esta data em Serinhaem, contavamos que seriamos enviados por mar para a Bahia, mas avisou-nos o capitão de navio Gil Lopes, em presença do capitão Hick (que tinha vindo da fortaleza de Nazareth) que haviamos de seguir por terra para aquella cidade, com o que nos faziam grande mercê, pois não estavam obrigados a conservar-nos a vida, e que partiriamos sem mais detença, visto como já havia sahido a companhia que nos tinha de escoltar. Pouco depois um Francez avisou secretamente ao tenente Jacheus que a companhia, que havia sahido, tinha ordem de assassinar a todos nós, e não tinhamos outro remedio senão alistarmo-nos no exercito, ao que todos logo nos resolvemos. Como porém o capitão-mór de Serinhaem, Alvaro Fragoso de Albuquerque, não estava autorisado a acceitar-nos sem ordem especial dos governadores, obtivemos assim um adiamento, e a companhia se tornou a recolher.

Neste entretanto ouvimos troar o canhão na praia. Ao outro dia entraram em Serinhaem muitos feridos e a maior parte dos que haviam fugido dos navios portuguezes. Soubemos que o senhor almirante Lichthart tinha accommettido e destruido a frota portugueza em Tamandarê. A pretexto de que os nossos não davam quartel, desejavam os contrarios assassinar-nos, de modo que alli viviamos em um continuo susto.

17.—Porto Calvo—Desde 11 de Agosto, que foi quando ficaram os nossos de todo cercados, tiveram varias escaramuças com o inimigo, que por vezez os foi procurar até junto de suas muralhas; os nossos fizeram tambem varias sortidas. A 16 o inimigo depoz diante do forte um pau com uma bandeirinha branca, ao qual estava prêsa uma carta; o commandante Flury mandou-a buscar. Era umr carta de Christovão Lins de Vasconcellos, senhor de engenho e capitão-mór dos moradores de Porto Calvo. O commandante fel-a ler em voz alta diante de toda a guarnição. O que estava escripto em dita carta era um conto de velhas; resava que uma grande armada aportára em Tamandaré, que o Recife estava cercado por terra e por mar por trinta navios, e bem assim o Pontal, que o forte Mauricio se havia rendido, Itamaracá, Parahyba e o Rio Grande estavam tão estreitamente sitiados que cousa alguma podia entrar nem sahir destas praças, que o rei de Portugal havia comprado a dinheiro a terra, e o cêrco não passava de uma farça, do que elles estavam mui bem informados; que Roeladt Carpentier e outros assistiam livremente em suas casas e engenhos, e pois queriam elles tractar tambem com os nossos; porque razão haviam os nossos de esperar até ao extremo?

No entretanto ás mais das noites se emboscavam oito ou nove homens dos nossos a ver si colhiam ás mãos alguns Portuguezes, de quem houvessem exactas informações, mas não o conseguiram.

24.—Veio de Serinhaem em assistencia do exercito inimigo o capitão Lourenço Carneiro de Araujo com sua companhia de soldados da Bahia. Lourenço Carneiro tomou o commando dos sitiantes. Como

o vissem vir, suppuzeram os nossos que era uma força amiga que acudia em seu soccorro, pelo que arvoraram bandeira e tocaram tambor, mas enganaram-se. Pouco depois veio ao forte um alferes de Lourenço Carneiro para requerer a entrega delle; disse que o Pontal se rendêra, e se haviam os da guarnição retirado em paz para suas casas, e sabiam elles Portuguezes pelo Francez Piscot que se molhára e detiriorára a nossa polvora. A 5 de Setembro tornou ao forte o dito alferes para fazer a mesma exigencia.

A 9 veio á praça outro alferes, e requereu a sua entrega pela ultima vez. Este alferes referio que o coronel Haus fôra derrotado na Varzea, e a 2 deste mez passara prêso com seus officiaes por Santo Amaro (?), seguindo viagem para a Bahia; accrescentou que dentro em poucos dias o Recife tambem se renderia. Como o commandante adiasse a sua resposta, retirou-se o alferes. Com estas noticias entraram os soldados a mostrar má vontade. A 11 o senhor de engenho Domingos Gonçalves Marzagão e outro alferes, vindo á praça saber da resposta do commandante, trouxeram uma carta de Johan Hick a seu irmão Job Hick, pela qual os nossos se certificaram da entrega do Pontal, pois de outro modo o não teriam acreditado. A' vista disto o commandante mandou a 15 ao inimigo o tenente Nicolaes Ouden dorp, acompanhado do Judeu Isaac Carvalho para servir de lingua, e tornaram a'vir ao forte Domingos Gonçalves Marzagão e o dito alferes. Este mesmo dia concluiram a capitulação, que concedia aos nossos quartel e passagem por mar para a Bahia. A 17 de Setembro sahiram os nossos da praça com todas as armas, bandeiras despregadas, murrões accesos e toque de caixa, segunda as etiquetas militares e os artigos da capitulação, que o commandante tem comsigo. Comquanto promettessem os Portuguezes fornecer aos nossos embarcação capaz para os transportar para a Bahia, apresentaram sómente um pequeno barco, em que se acommodou apenas o commandante com trez ou quatro pessoas, os mais, isto é, uns sessenta homens, tiveram de seguir por terra. Naquelle districto ficaram alguns, como o capitão dos paisanos, David de Vries, que foi para seu engenho, e outros com passaportes ou titulos de residencia.

18.—Forte Mauricio no rio de S. Francisco. Desde o dia 12 de Agosto, que foi quando ficaram os nossos inteiramente cercados, foram varias vezes atacados pelos contrarios que os não deixavam descançar de dia nem de noite, pois estavam a atirar continuamente com masquetes por tras de umas pedras, que havia perto das muralhas (1). Pouco mais ou menos a 7 do corrente, entrou pelo rio o capitão Jan Hoen com viveres para este forte e o de Sergipe d'El-rei. Informado da chegada do capitão Hoen, o commandante Koyn enviou dous soldados para do melhor modo avisal-o do cêrco. Mas, como o capitão Hoen era atrevido, não quiz render o bordo ao mar, do que resultou tomar-lhe o inimigo o barco, sendo cinco ou seis dos nossos feridos e um morto. Os sitiantes enviaram ao commandante da praça varios commissarios, e lhe propuzeram comprar o forte por alguns *currães de gado*, com o

(1) « A nossa gente se chegou tanto á fortaleza, que não ousavão os Olandezes a se pôr em sima da muralha, porque em deitando as cabeças por sima já estavam mortos com as nossas balas; e depois de rendidos nos mostrarão alguns as mãos passadas com peloures, porquo para verem a nossa gente, iam a pôr as mãos nos chapéos e em as pondo, logo as nossas balas lhe furavam os chapéos e as mãos ». — *Valeroso Lucideno* pag. 261.

(N. do Trad.)

que muito se encolerisou o commandante Koyn, declarando que estava bem provido de polvora e balas, e não tinha que ver com traidores, e portanto não lhe fallassem em taes infamias. Com este recado retirou-se o emissario para donde veio. Dias depois o inimigo mandou aos nossos novo emissario com os homens que tinham sido apprehendidos no barco do capitão Jan Hoen, pelos quaes ficou o commandante sabendo que o senhor tenente-coronel Hous fôra batido na Varzea, prêso com os principaes officiaes, e conduzido por terra para a Bahia, bem como que o Recife estava tambem sitiado, e muito tinham que fazer os seus defensores para se desapressarem a si mesmos, pelo que não devia elle esperar soccorro algum daquella praça. Estas noticias causaram grande desânimo entre os soldados. Era pois voto geral que se tratasse de capitular. Reunido o conselho de guerra, e lançada no papel a sua resolução, foram deputados para negociar com o inimigo o capitão Philippo Schacht e o escabino Lubbert van Coeverden.

Eis ahi o que resolveu o conselho de guerra e os artigos da capitulação.

Nós, officiaes do forte Mauricio no rio de S. Francisco abaixo assignados, reunidos em conselho hoje 17 de Setembro de 1645, resolvemos, obrigados de imperiosa necessidade e movidos das poderosas razões que abaixo vão, rendermos esta praça a partido:

1° As nossas munições de guerra, isto é, polvora e murrões, que poupamos assim antes como durante este cêrco de perto de seis semanas, acham-se ao presente esgotadas, de modo que não dispomos de maior quantidade de polvora que a que é necessaria para prover por uma vez sómente as bandoleiras. Não temos pois com que defender as nossas vidas.

2° Igualmente começam a escassear os viveres, pois amanhã será destribuida a ultima ração de carne.

3° Segundo todas as probabilidades, não seremos soccorridos pelos do Recife, pois sabemos com certeza que a maior parte dos nossos, commandados pelo tenente-coronel Hous, foram rotos pelo inimigo, e que o Recife está assim apertado que mal se póde sustentar.

E caso succeda entrar por este rio em nossa assistencia um ou dous barcos com gente ou provisões, sabemos que os contrarios estão aqui de vigia em numero de trezentos homens, e embaixo com embarcações para o fim de tomar os soccorros que nos enviem, como já aconteceu.

4° As forças inimigas, que presentemente montam a oitocentos homens, sabemos que crescem de dia em dia, ao passo que as nossas, como é manifesto, vão pelo contrario diminuindo. A nossa gente válida não excede a cento e quarenta e sete soldados, trinta homens de trem e vinte paisanos, ao todo cento e noventa e sete homens em estado de prestar serviço. Com esta força temos de occupar: 1° a fortaleza, cujo circuito é de duzentas e setenta e seis varas; 2° uma obra exterior de sessenta varas diante da porta para defeza dos carregadores d'agua; 3° um parapeito na extremidade das pedras, onde devem estar de continuo sete homens para aguada e prompto soccorro(?). Assim que cada homem tem que occupar perto de duas varas de terreno. Além disto, como se sabe, não ha palissadas em torno da fortaleza, e as muralhas recentemente levantadas acham-se arruinadas e abatidas em consequencia das continuadas chuvas, de modo que por fóra é facil galgal-as. Está pois indicando a experiencia militar que com tão poucas forças é impossivel defender tão largas obras contra adversarios numerosos.

5° Tão pouco não tivemos meios de cortar a fortaleza, pois, como assenta sobre pedras, dentro della não se póde haver a terra necessaria para levantar outra muralha.

Outrosim, dado que fosse isto possivel, faltar-nos-hiam os materiaes e homens que taes obras requerem, quando feitas ás pressas.

6° A guarnição, mal alimentada, desnudada, vigiando continuamente nas muralhas, começa a sentir se tão fraca e desalentada, que, a continuar este estado de cousas, é impossivel prevenir que se rebelle.

Por estas e outras considerações, depois de maduro conselho, temos resolvido, como pelo presente resolvemos, entrar amanhã, 18 do corrente, em ajustes com o inimigo, e acceitar as melhores condições que delle podermos obter. Em fé do que assignamos este termo com os nossos proprios punhos. Feito em nossa assembléa no forte Mauricio. *Era ut supra.* Estavam assignados: D. V. Koyn—Hans Pietersz. Smit —Huybert Dop—Hans Paap — Thomas Pouwelsz. — Wolf Reurseits — Philip Schacht—Thomas Pay — Barent Vlieger — Boudewijn de Jager —Pieter Rotterdam—Lubbert van Coeverden.

Nós, officiaes abaixo assignados, reunidos na fortaleza Mauricio, fazemos saber ao honrado Snr. Nicolau Aranha, commandante das tropas portuguezas no rio de S. Francisco, que por justas razões somos movidos a entrar em ajustes com Sua Nobreza acerca da entrega de dita fortaleza, uma vez que Sua Nobreza nos conceda as seguintes condições e artigos; para o qual fim lhe deputamos o capitão Philip Schach e o escabino Lubbert van Coeverden.

1° O Snr. Nicolau Aranha conceder-nos-ha podermos sahir todos para o Recife com bandeiras despregadas, caixas, todas as armas, bala em bocca, corda accesa em ambas as partes, segundo os estylos militares, e aos seus foi anteriormente concedido.

2° Todos os rendidos, soldados, paisanos, Judeus, mulheres e meninos poderão retirar livremente e intactas as suas bagagens, arcas e caixas ; poderão igualmente levar seus negros, negras e cavallos.

3° O Snr. Nicolau Aranha nos fornecerá embarcação capaz que nos transporte com as nossas bagagens para o Recife.

4° Permittir-nos-ha levarmos trez canhões de seis libras de bala com suas carretas.

5° O dito Snr. Aranha ordenará que um official nos acompanhe, afim de nos escoltar livre e seguramente até o Recife sem sermos molestados do inimigo, e alli entregarnos-ha aos nossos senhores amos; e caso o Recife se haja rendido antes da nossa chegada, o mesmo official nos entregará, sem mais sermos incommodados, ao general que commandar na praça, e este dar-nos-ha livre passagem para a nossa patria.

6.—Antes de partirmos, seremos suppridos com as necessarias victualhas, de modo que possamos fazer convenientemente a nossa viagem.

7° Soltará e permittirá que nos acompanhem os prisioneiros que se acham em seu poder.

8° O official que nos escoltar, será obrigado, caso o Recife se ache em cêrco, a conduzir-nos livre e desimpedidamente á dicta praça por entre a frota inimiga.

Como destes artigos o Sr. Aranha concedeu uns e outros não, assentaram de deputar-lhe segunda vez o capitão Schacht e Coeverden, afim de requererem o seguinte sobre o que fôra concedido :

1° Depois de havermos deposto as armas, caso não possamos

levar as nossas bandeiras, concederá o Sr. Aranha que as separemos das hasteas. Outrosim concederá levarmos as nossas armas brancas.

2º Dar-nos-ha o praso de tres dias: isto é, até 21 de Setembro, para partirmos, conforme as práticas militares.

3º Todos os officiaes, a saber, capitães, tenentes, alferes, sargentos, quartel-mestres, mestres d'obras, *schout*, escabinos (1), secretario, commissarios e auditor poderão levar seus negros e negras para lhes carregarem as bagagens.

4º Concerder-nos-ha levarmos as bagagens que os nossos escravos e cavallos poderem carregar, sem serem visitadas.

5º Os doentes e feridos, bem como as mulheres e meninos, serão transportados com escolta para a Bahia em embarcação. capaz, sem serem revistadas suas bagagens.

6º Cada um dos officiaes, paisanos e suas mulheres poderá mandar no barco uma arca com suas bagagens, que não serão revistadas.

Resposta do Nobre Senhor Aranha.

Em resposta ás propostas que o senhor commandante e officiaes me fizeram, declaro que lhes concedo as seguintes condições:

1º Serão todos enviados para a Bahia, acompanhados de um capitão, que obriga-se a alli entregar Ss. Ns. Sahirão com suas armas até onde nos aprouver.

Os officiaes levarão suas espadas. Sahirá a guarnição com arma ao hombro, bala em bocca, murrões accesos, tambor batente e bandeiras tendidas, segundo as práticas de guerra. Cinco paisanos poderão conservar seus sabres ou terçados.

2º Os officiaes e soldados levarão suas bagagens. A cada official concedemos um negro, e estes serão relacionados em uma lista.

3º O praso que concedo é até ás oito horas da seguinte manhã, pois os moradores não me permittem conceder maior espaço; os officiaes principaes porém poderão ficar commigo na fortaleza o tempo que lhes parecer.

4º Não se tocará na roupa das mulheres. Aos officiaes principaes serão dados cavallos que os transportem para a Bahia.

5º Forneceremos um barco, em que vão os feridos, mulheres e meninos. Em dicto barço serão embarcadas as bagagens dos que as não poderem levar por terra.

Os paisanos poderão tambem sahir com sua roupa e mochilas.

Eis o que concedo aos Hollandezes, pois não vim para lhes fazer guerra, e sim para ajudar os moradores, e estes não me permittem de modo algum que eu mais conceda. E para que a isto não falte, passei o presente papel hoje 18 de Setembro de 1645. Estava firmado pelas seguintes pessoas, que faziam de capitães:

Nicolau Aranha Pacheco—Valentim da Rocha—Adriano da Ro-

(1) Eram os escabinos (*schepenen*) da povoação de Penedo, cujos moradores neerlandezes se haviam recolhido ao forte.

« Em lugar das nossas camaras municipaes, com seus juizes e vereadores, se installaram, desde 1637, em todas as villas, com analogia ao que tinha lugar na provincia de Hollanda, camaras de escabinos. O numero destes parece que variava, segundo a importancia das povoações, de trez a nove, e cada uma das duas nacionalidades portugueza ou hollandeza, em separado, tinha igual numero, sendo porém ordinariamente hollandez o esculteto que presidia; o que dava sempre a maioria em favor dos dominadores. » — *Varnhagen.*

cha—Francisco Lopes de Matos—Diogo d'Oliveira Serp (de Lacerda)—Pedro Aranha—Gaspar Fernandes Vilar.

Nós, officiaes do forte Mauricio abaixo assignados, declaramos que, pois não podemos mais obter, acceitamos as condições que acima ficam, e dellas somos contentes. Em fé da verdade assignamos todos o presente termo. Feito em conselho no forte Mauricio ao rio de S. Francisco. Seguiam-se as assignaturas:

D. V. Koyn—Philip Schacht—Thomaz Pay—Hans Pietersz. Smit—Wolf Koeseits—Willem Cloot—Hans Paap—Boudewijn de Jager—Pieter Rotterdam—Lubbert van Coeverden.

Depois da partida do commandante e soldados, que seguiram por terra para a Bahia, entrou no rio o capitão Willem Lamberts com um dogre (barco hollandez de pesca) e trez barcos bem artilhados, nos quaes haviam de embarcar as guarnições do forte Mauricio, Porto-Calvo e Sergipe d'El-rei para se recolherem ao Recife. Mandou o commandante Aranha que fossem ao encontro do capitão Willem uma caravela (onde já haviam acondicionado a bagagem dos rendidos) e um barco com soldados. Acercando-se uns dos outros, disparou o capitão Willem suas peças, e os Portuguezes vararam a caravela sobre um banco, e lançaram-se á agua depois de uma pequena escaramuça; de modo que succedeu esbulharem os nossos os bens dos seus proprios compatriotas, e assim perderam os rendidos tudo o que era seu. O capitão Willem houvera posto fogo á caravela, si as mulheres neerlandezas não intercedessem, pois o commandante Aranha declarou que, si os Hollandezes queimassem a caravela, elle faria matar a mulheres e meninos. Pouco depois o capitão Willem despejou o rio. Para libertar os nossos devêra ter chegado trez dias antes.

N. B. Cumpre notar que o fortim de Sergipe d'El-rei, onde commandava o tenente Hans Vogels, tendo sido por esse tempo cercado por D. João de Souza, capitão da Bahia, tambem se rendêra, pois que achava-se no fôrno o ultimo pão, e não tinha a guarnição mais que comer, ao passo que dispunha de boa provisão de polvora e munições de guerra, ao contrario do que succedêra aos dos fortes Mauricio e de Porto-Calvo, que, estando bem providos de viveres, tiveram de render-se por falta de polvora e murrões.

Mesmo mez.—Permanecendo nós no calabouço de Serinhaem desde 9 do corrente, chegaram presos a 14 ou 15 alguns sessenta homens dos que se haviam rendido no Pontal. Metteram-os em outro calabouço, de modo que não podemos fallar com elles.

16.—Chegou a noticia de que não nos fôra concedido alistarmo-nos no exercito Portuguez, e annunciaram-nos que no dia immediato seguiriamos por terra para a Bahia, dando-se-nos a entender que no caminho seriamos passados á espada. A' seguinte manhã, 17 do corrente, appareceram algumas mulheres neerlandezas, que aqui ficaram assistindo com passaportes depois da rendição do forte, e como não podiam fallar comnosco, andaram a passar furtivamente por diante da porta do calabouço, onde jaziamos. Pouco depois veio despedir-se de nós o capitão Hick, acompanhado do seu criado; entraram para dentro da prisão, e choravam ambos tão sentidamente que não puderam praticar comnosco, o que fez saltarem as lagrimas aos olhos de muitos soldados valentes. Como lhes perguntassemos si havia alguma difficuldade, responderam que si a tropa do Cabo fosse comnosco (pois ella se dera a partido, ao passo que nós fomos tomados com as armas nas mãos), não correriamos perigo, mas si não..... calaram-se. Fomos enfileirados fóra da prisão e revistados, e como em alguns encontrassem facas que ainda traziam

comsigo, as tomaram. O nosso troço compunha-se de trez tenentes, dous alferes, seis sargentos, Jacob Vermeulen, eu e trinta e seis soldados rasos, os quaes todos fomos aprisionados na Varzea. Fomos conduzidos para fóra da povoação, ficando nella a tropa do Cabo. Ao partirmos de dita povoação, debulharam-se em lagrimas as mulheres neerlandezas, de modo que nós mais não sabiamos senão que era chegada a nossa ultima hora. Seguimos pois para Santo Amaro passados de grande medo, e de Santo Amaro para Rio Formoso, acompanhando-nos alguns camponezes. Pela tarde chegámos ao Rio Formoso, e ao cahir da noite chegou tambem ao mesmo lugar a tropa do Cabo, com que ficámos mais tranquillos.

18.—Chegámos á povoação de Una, onde encontrámos em armas muitos indigenas e camponezes, o que nos metteu novo medo. A' noite pernoitámos no engenho de Diogo Paes.

19.—Partimos acompanhados de duas companhias de camponezes, e pelas 11 da noite chegámos ao engenho de Rodrigo de Barros, depois de havermos vingado trinta e dous bons montes e nove boas leguas. Em dito engenho tomámos pouso durante o seguinte dia. Ahi soubemos da rendição do forte de Porto-Calvo, onde fallaram com a gente do Cabo. Por Jacob Dassine, que haviamos deixado em Santo Antonio, soubemos tambem que Pedro Marinho Falcão, depois da nossa partida, o mettêra em ferros, por accusal-o de haver dirigido uma carta, antes da revolta, aos Altos Conselheiros, na qual declarava ter ouvido a certo Portuguez que o capitão de cavallaria Ley e o capitão Hick tinham conhecimento de dita revolta; essa carta o Sr. Bul-straten a mostrára ao capitão Ley, de quem era compadre, para que visse o que diziam delle, e Ley a entregára a Pedro Marinho Falcão, seu cunhado, que a podia mostrar. Dizia Marinho que, si não fôra essa carta, Hoogh-straten, Ley e Hick não se teriam recolhido a fortaleza de Nazareth, mas, por amor de sua honra, tiveram de ir para ella, pelo que elle Dassine tambem concorrêra para que se prolongasse por tanto tempo a guerra no Cabo, e por isso ameaçava de o enforcar, tanto que se rendesse a fortaleza. Poucos dias depois que capitulára Hoogh-straten, foi Dassine sentenciado e absolvido pelo auditor Fernando Brabo da Silva (1), e se lhe permittio seguir para a Bahia.

21.—Partimos escoltados por sessenta ou setenta marinheiros dos navios que os nossos tomaram e saqueiaram em Tamandaré, tendo tido ditos marinheiros a felicidade de escaparem com vida. Esta escolta nos acompanharia até á Bahia. Ao cahir da noite fomos em Camaragibe.

22.—Passámos pelo engenho de Domingos Gonsalves Marsagão, e ao escurecer chegámos ao engenho de Santo Antonio Grande. Aqui vimos o commissario van Diemen e mais trez ou quatro Neerlandezes de Porto-Calvo, tendo comsigo algumas bagagens, mas não podemos praticar com elles. A 23 chegámos á praia do rio de Santo Antonio Grande, e continuamos nossa viagem para Alagoas, onde alcançámos os prisioneiros de Porto-Calvo, que haviam partido antes de nós. Creio que em Outubro chegámos ao rio de S. Francisco, cujo forte já os nossos ha viam entregue, e empregava-se o inimigo em demolil-o. Como os moradores do districto insistiam em nos querer matar, o commandante Aranha mandou passar-nos para a outra banda do rio, onde estariamos mais se-

(1) O nome do auditor é, segundo Calado, Francisco Bravo da Silveira.

(N. do Trad.)

guros. Ahi encontrámos os cadaveres de trez Neerlandezes, que haviam sido mortos recentemente. Descançámos trez dias. Proseguindo em em nossa viagem além do rio de S. Francisco, deparámos no caminho mais seis ou sete homens assassinados de fresco, ao que parecia. Soubemos depois que essas victimas pertenciam ás tropas do rio de S. Francisco e Sergipe d'El-rei, e se haviam deixado ficar atrás.

Achava-me eu então mui indisposto com uns frunchos debaixo dos pés e uma grande postema na barriga da perna; essa postema rebentou abrindo não pequeno buraco, e eu não tinha mézinha alguma com que me curasse. Teria de certo ficado atrás, si não fôra o medo que me metteram aquelles cadaveres, tanto mais quanto mataram immediatamente os nossos companheiros que, não podendo avançar, se deixaram ficar atras. Fiz pois das fraquezas forças. Proseguimos pela matta de S. João, onde passamos muita sêde (como soffremos grande miseria em toda a viagem), e trilhámos um aspero caminho, apenas transitavel. A 24 chegámos ao castello de S. Philippe, onde, para não passarmos pela fortificação, metteram-nos em um barco, e levaram-nos á Bahia, de modo que á manhã seguinte, 25 deste mez, entrámos na cidade de S. Salvador. Graças sejam dadas a Deus que nos livrou de tamanho perigo, e aqui nos trouxe a salvamento!

Da nossa tropa ficaram atrás quinze homens, alguns dos quaes foram mortos debaixo das nossas vistas, os mais creio que não hão de apparecer. Os soldados recebem do erario quatro e meio *stuivers* por dia, e a ração de um alqueire de farinha por mez, como os soldados do rei. Quanto aos officiaes, foram alojados em casa dos burguezes, e eu na de Gregorio Mendes Brandão que me tratou muito mal. O senhor tenente-coronel Hous, o commandante Listry e o capitão Wiltschut, que haviam chegado alguns dias antes de nós, achavam-se junctamente presos em uma casa; não se podia communicar com elles. A 27 partiram em duas caravelas para Portugal os commandantes Koyn, Flory e Hans Vogel. No mesmo dia chegaram á Bahia duas caravelas vindas da ilha da Madeira com trezentos homens.

2 de Dezembro.—Chegaram de Portugal trez caravelas com cento e cincoenta homens. A' noite foram enviados duzentos soldados em duas caravelas para Pernambuco.

5.—Chegou de Portugal uma caravela com cincoenta soldados. Ao escurecer foram postos em armas seiscentos homens, que á noite seguiram occultamente para Pernambuco.

7.—Partiram duas caravelas para Pernambuco, uma com munições de guerra, e a outra com mercadorias pertencentes em sua maior parte a Pieter Joosten Broeck, que em pessoa seguio para a dita capitania.

11.—Chegaram á Bahia o capitão de cavallaria Ley, o capitão Johan Hick, Hendrick Hondius e mais outros. Por elles se soube o seguinte: os Portuguezes haviam feito uma investida infructifera na ilha de Itamaracá; o capitão Claes Claesz., que servia no exercito portuguez, passára-se para o Recife com sessenta e quatro soldados escolhidos, e os Portuguezes, para se vingarem, assassinaram todos os Neerlandezes que serviam com elles (seriam em número de trezentos), bem como aprisionaram varios troços, e os enviaram para a Bahia, mas no caminho foram passados á espada mui cruelmente, sem distincção das mulheres e meninos que assistiam com passaportes em Serinhaem e outros lugares; os governadores affixaram um edital prohibindo que assentasse morada na terra quem quer que fosse, salvo o traidor Hooghstraten, Albert Geritsz. Wedde, Job Hick, Francisco Latour (este servia com elles como sargento-mór), Daniel de Haen e Roelandt Carpentier, cujos nomes

foram declinados em dito edital ; os mais ficaram sujeitos a todo rigor, ou então tinham de se retirar para a Bahia.

12.—Apresentou-se um navio hollandez na bahia diante da cidade. Sobre a noite sahiram as caravelas, cada uma com cento e cincoenta homens, para cruzarem de vigia ao dito navio, mas tornaram a se recolher sem nada haverem feito.

14.—Chegaram duas caravelas de Lisboa, uma com cincoenta soldados e a outra com munições de guerra, isto é, artilharia, polvora murrões etc.

15.—Chega do Cabo de Santo Agostinho o navio do contratante Matheus Lopes Franco. Tendo sido perseguido por aquelle navio hollandez, Lopes estava resolvido a dar com o seu na costa, mas os contrarios o abandonaram.

16.—Recebe-se noticia que algumas caravelas, vindas da ilha da Madeira com carga de vinho, tendo de arribar ao Recife, foram tomadas pelos Hollandezes, e os tripolantes enforcados no porto.

19.—Chegaram David de Vries e o auditor geral Francisco Brabo da Silva, tendo este sido chamado pelo governador para dar razão da grande matança que se fazia em Pernambuco.

21.—Chegaram á Bahia presos de ordem de João Fernandes Vieira os seguintes Portuguezes, porque não quizeram fazer causa commum com os revoltosos : Antonio d'Oliveira, Francisco d'Oliveira, Pedro Lopes de Vieira, Duarte Nunes, Diogo Mines, Funtes Cosmo de Abreu, Jaques Feres, João Dias, Bijta Gonsalvo, Nova Mora, seu irmão, e mais dous ou trez, os quaes não eram das pessoas de menos consideração em Pernambuco. Entre os presos se achava um dos que primeiro descobriram a conspiração e traição dos Portuguezes. Foram mui mal tratados do governador Antonio Telles da Silva.

2 de Janeiro.—Recebe-se noticia de haverem os nossos tomado uma caravela com bacalhão.

6.—O sr. tenente-coronel Hous parte da Bahia para Portugal em uma caravela, tendo-se despedido do governador depois de o procurar varias vezes em sua casa. Foi conduzido a bordo por alguns capitães.

11.—Vem á Bahia por mar Francisco Latour. Faz um relatorio da guerra em Pernambuco, e requer sua patente.

A 8 deste mez veio de Angola um hyate com duzentos negros, trazendo a noticia de que o governador Pedro Cesar partiria com dous navios grandes. Estes chegaram a 14 e 15 com duas mil peças (negros), novecentos pertencentes a Pedro Cesar, e os mais á fazenda do rei.

14.—Segue Latour para Pernambuco acompanhado de Hendrick Hondius, genro do traidor Hooghstraten. Correu voz que levava comsigo certa somma de dinheiro para comprar alguma das fortalezas, e indicava-se a dos Affogados. Correu tambem que o governador Antonio Telles iria a Pernambuco afim de promover a guerra, deixando o governo da Bahia ao governador Pedro Cesar.

8 de Fevereiro—Recebe-se noticia de ter sido batido e haver-se até perdido Camarão no Rio Grande, e de que Henrique Dias, querendo fixar-se na pequena ilha da Companhia, sita no rio Capibaribe, fôra rechaçado dos Affogados com perda de um e outro lado.

22.—Chega um proprio do exercito de Pernambuco com a noticia de que os nossos, seis semanas atrás, haviam tomado um barco com polvora e murrões, o qual d'aqui partira em assistencia do mesmo exercito. O mesmo proprio foi portador de uma carta de Hooghstraten ao seu genro Hondius. Esta carta, datada de 25 e 28 de Janeiro de 1646, e escripta do proprio punho de Hooghstraten, comprehendia trez fo-

lhas de papel, e como versava em seus principaes topicos sobre materia de estado, passamos a dizer o que continha:

« Primeiramente queixa-se ao seu genro do mau governo de Pernambuco. Os governadores passavam o tempo a dormir e jogar; Martim Soares Moreno quasi que chamou a si o governo, e é quem menos para isso fez, e não tratava de promover novas conquistas. Os soldados opprimiam os moradores, mórmente os negros de Henrique Dias, que tiravam dos ferros os seus parceiros e os levavam, e quando queixavam-se os proprietarios, os governadores riam-se.

« Os que foram presos por causa de furtos e maroteiras pelo auditor, o governador os soltou sem serem interrogados nem punidos.

« Tambem foram alguns soldados a sua casa, e lhe mataram cabeças de gado, novilhos, ovelhas. Querendo sua mulher tolher-lhes que tal fizessem, lhe disseram que ella, seu marido e filhos flamengos eram, e portanto tudo quanto alli tinham, a elles pertencia, e si não se calassem, poriam fogo á casa com tudo o que continha. Queixando-se disto elle Hooghstraten a Martim Soares, respondeu-lhe este que tinham muito em que cuidar, e não podiam olhar para essas cousas. D'onde se vê que os que tomam a peito o serviço do rei e nelle se comprazem, não eram considerados.

« Tinha mostrado muitas vezes ser a occasião favoravel para tomarem a fortaleza de Cinco-Pontas, quando o inimigo estava desfalcado de gente e desprovido de polvora. Bem podiam ter feito a Sua Real Magestade tão assignalado serviço; mas a isto não prestaram ouvidos os governadores, e agora que o inimigo recebeu soccorros, foi-se o ensejo.

« Outros estavam bem suppridos de negros do Recife apprehendidos, ao passo que a elle nenhum deram para o seu serviço; o que tudo não era recompensal-o pelo bom serviço que prestara ao rei, rendendo a fortaleza. Assim procedendo com elle, não compriam suas promessas.

« Os da campanha andavam mui pouco satisfeitos com esse desgoverno, e d'entre elles não podiam os governadores reunir trezentos homens, pois desertavam para suas casas e para o matto. Convinha pois que fossem enviados novos governadores a Pernambuco em lugar de Martim Soares Moreno e João Fernandes Vieira, que do contrario não haviam de conquistar o que suppunham.

« O inimigo enviára duas mil peças (negros) á ilha de Fernando de Noronha. Tambem cumpria que alli se tentasse uma facção, afim de que S. M. podesse colher alguns fructos do Brazil.

« Segundo o seu desejo, tinha vendido os seus partidos e retirado-se de Pernambuco para prestar maiores serviços ao rei em Portugal.

« Albert Gerrit z Wedda havia-se confessado a 5 de Janeiro na capella de S. José, e recebido o Sacramento em presença de André Vidal de Negreiros e dos Jesuitas. Assim soube adular os governadores e os Jesuitas, que o despacharam de embaixador para Portugal com Francisco Bringel (1); mas elle Hooghstraten preferia que houvessem escolhido pessoa mais capaz para isso, como Job Hick, que estava mais pratico na lingua portugueza. Depois embarcaram-se em uma caravela para seguirem para Portugal, e foram dar na praia de Tamandaré, onde os ditos embaixadores e mais gente se salvaram em terra. Na prêa-mar foi retira-

(1) Segundo Calado, pag. 296, os enviados foram Francisco Berenguer de Andrada, juiz ordinario, e o capitão Francisco Gomes de Abreu, procurador do conselho. « Iam significar a S. M. o miseravel estado, agonias e calamidades, em que esta Provincia e Capitania estava. » (N. do Trad).

da a caravela pelos Hollandezes, que a levaram para o Recife com carga de trezentas caixas de assucar e uma porção de tabaco.

« Recommendava a seu genro que em seu nome comprimentasse a todos os officiaes da Bahia, como Pedro Correia da Gama, João de Araujo, Rebelienye (Rebellinho), Antonio de Freitas, e mui particularmente lhe encommendava que communicasse a presente carta (?) ao governador Antonio Telles da Silva, afim de que a tudo provesse e remediasse. *Era ut supra.* Estava assignado : D. van Hooghstraten. »

Tendo Hondius, ao regressar para Pernambuco, encarregado Isaac Sweers de tomar conta das cartas a elle enderessadas que acaso chegassem depois de sua partida, veio Sweers a ter conhecimento da carta de Hoogh-straten, e mostrou-a a certo amigo (assim obtive uma cópia), que lhe pedio destruisse esse papel e não o publicasse, afim de que crescessem a desordem e o desgoverno entre os Portuguezes de Pernambuco, e ignorasse o governador geral que aquelles negros estavam na ilha de Fernando de Noronha, poupando assim á Companhia esse damno. Mas Sweers, não podendo guardar o segredo por mais tempo, depois que Johannes van Broek-huysen houve cópia da carta, communicou o caso ao capitão Ley. e lhe entregou a dita carta em presença do capitão Hick. Conferindo estes sobre o que fariam della, opinou Hick que a queimassem, ao que se oppoz Ley dizendo que Sweers, como bem sabiam, não era discreto, e si o governador viesse a saber que tal carta estivera entre as mãos delles, e não apparecendo ella, ver-se-hiam embaraçadissimos. A' vista disto apresentou Ley a carta, dias depois, a Pedro Correia da Gama, que lhe recommendou a não occultasse ao governador. De feito mandou o capitão Ley a carta ao governador por intermedio do almirante Paulo de Barros, e tendo Ley cahido da graça do mesmo governador por causa de Pedro Latour, com esta acção readquirio a sua confiança.

Idem. —O mesmo proprio trouxe mais a seguinte noticia: tendo os Portuguezes queimado os seus canaveaes em Pernambuco, ordenaram os governadores aos da campanha que fizessem o mesmo, e fossem ter á Varzea para que ahi se achassem reunidas as suas forças; mas os moradores responderam que não estavam resolvidos a fazer tal queima, nem a se juntarem na Varzea, pois desejavam conservar o que ainda lhes restava ; pelo que partio Vidal com uma força a constrangel-os.

29.—Johannes van Broeck-huysen, como fica dito, havia copiado a carta de Hoogh-straten, mas não a soube occultar como cumpria ; e como o dono da casa em que elle estava alojado, suspeitasse que o seu hospede havia escripto algum papel secreto, foi Broek-huysen revistado por um alferes portuguez, que encontrou e lhe tomou a carta. Apresentado ao governador, Broek-huysen teve de confessar de que modo obtivera semelhante cópia, e ao outro dia, 30 deste mez, foram mettidos no calabouço elle e Sweers (1), e seus bens entregues á justiça.

Como o capitão Ley visitava de quando em quando o governador, tinha tido com elle várias praticas acerca da revolta, praticas que Ley me repetia, visto como tinhamos familiaridade, e me confiava elle muitos dos seus segredos.

Dizia pois o governador « que os Hollandezes tinham levado muito a mal, como si cousa igual nunca se houvera visto, o que se pas-

(1) Isaac Sweers adquirio depois grande nomeada como tenente-almirante da Hollanda.—Vid. Netscher pag. 205.

(N. do Trad.).

sava em Pernambuco; e pretendia isemptar-se de toda a culpa, allegando que os Altos Senhores Conselheiros lhe haviam enviado embaixadores e cartas, em que lhe davam parte da revolta e levantamento dos moradores, e lhe pediam houvesse de mandar pessoas de consideração que com o seu predominio aquietassem os rebeldes. Em virtude deste pedido, ordenára elle governador que os mestres de campo Martim Soares Moreno e André Vidal de Negreiros fossem com uma força (pois sem tropa, dizia elle, nada poderia fazer) para, a requerimento dos Hollandezes, apaziguar os rebeldes. Aconteceu porém que os mestres de campo, sendo em Pernambuco, acharam as cousas em outro pé, pois os Hollandezes haviam ferido batalha com os rebeldes, e não tratavam senão de os matar e destruir. Ora elles estavam obrigados a ajudar os seus compatriotas a se defenderem de tal oppressão; sustentava pois que não havia violado a paz. As instrucções que dera aos seus coroneis, bem as podiam ver os Hollandezes, e si ditos coroneis as haviam infringido, far-lhes-hia cortar as cabeças, pois não aconteceria menos disto a elle governador, si não guardasse as ordens do seu rei.

« Referindo outras particularidades, disse que a nação portugueza tinha soffrido varias affrontas dos Hollandezes, como com a conquista em tempo de paz (segundo affirmava) das praças do Maranhão, Angola e S. Thomé, sendo que, por occasião da partida da frota depois da acclamação do rei D. João, achava-se no Recife Pedro Correia da Gama, que contra essa violação das treguas protestára a S. Exc. o Snr. Conde Mauricio de Nassau, declarando que aquella fróta não podia entrar nos dominios do seu rei, ao que o Conde lhe respondeu que tal não aconteceria. Este protesto elle o guardava assignado em sua secretaria, e qualquer o poderia ver. Em sua propria presença, haviam os Hollandezes capturado na bahia e levado um pequeno navio vindo de Portugal; tendo os Portuguezes retomado o navio, elle governador enviou os Hollandezes ao seu rei para dispor delles, e escreveu ao Conde Nassau queixando-se daquelle acto de hostilidade, e o Conde desculpou-se allegando que o caso acontecêra sem sua sciencia. Entretanto não lhe consta que por tal falta fosse castigado o capitão do navio hollandez. Assim que, dizia, os Hollandezes teem affrontado a nação portugueza por toda a parte e de todos os modos, e o peior é pretenderem que somos obrigados a supportal-os, como se fossemos seus subditos; e pois não convinha muito ao rei ter guerra com os Hollandezes.

« Os do Recife lhe haviam mandado dizer por um embaixador portuguez, o sargento-mór Magalhães, que os Hollandezes em breve iriam visital-o, pois esperavam da Hollanda para este fim oito mil homens ás ordens dos senhores Schop e Hindersom. Mui agradavel lhe era ser por elles procurado, pois sabia que eram bons soldados, mas o haviam de encontrar preparado; pelo que mandou que os soldados trabalhassem diligentemente nas fortificações, servindo os officiaes de feitores ou intendentes. Fez pois levantar, augmentar e fortalecer as fortificações, cortar a cidade (como os Hollandezes que anteriormente a occuparam) para poder ser defendida em ponto menor, perdidas as obras exteriores. Diariamente se apresentava elle governador nas obras, para que se esforçassem os trabalhadores. Entre a porta de S. Bento e a capella de Nossa Senhora da Sterra começou-se a cortar um bastião e levantar-se um cavalheiro, onde serão assentadas oito ou nove peças, obra que ha de dominar convenientemente as portas de Santo Antonio e S. Bento. E como o coronel Rebellinho e o tenente-coronel Antonio de Freitas, não tendo regimentos, não compareceram ás obras no primeiro dia (26 de Fevereiro ultimo) em que os mandou (?) trabalhar, visto como

não tinham a quem commandar, o governador os deportou e ordenou que fossem os seus nomes riscados do livro do rei, por haverem recusado o serviço de Sua Magestade.

Os burguezes haviam de comparecer diariamente nas fortificações para trabalhar desde manhã cedo até ás 8 ou 9 horas com duas e depois com uma companhia, e estavam mais obrigados a fornecer negros para o mesmo fim, cada um conforme suas posses. Ordenou tambem que os da campanha, tão depressa lhes constasse que havia alguma noviade, acudissem á cidade.

Vangloria-se o governador de poder ter dentro da cidade seis mil homens, mas me parece que as suas forças não hão de exceder muito a quatro mil, pois, segundo as melhores informações que pude obter, eis as que existem dentro della:

24 ou 25 companhias de soldados, cada uma com 60 ou 70 homens—1,750; 4 companhias de paisanos, cada uma com 60 ou 70 homens—280; 1 dita de mulatos, levantada ultimamente com obra de 60 homens—60; 4 ditas que serão levantadas, a saber, 2 de estudantes (os mais delles rapasolas que não podem tomar armas), 1 de caixeiros e 1 de negros, farão numero quando muito de—350; ao todo trinta e quatro companhias com dous mil quatrocentos e quarenta homens.

Cumpre tambem notar que ha na cidade quatro conventos, o dos Jesuitas, o de S. Francisco, o do Carmo e o de S. Bento, cada um dos quaes tem quando muito quarenta ou cincoenta frades, uns pelos outros.

Com essas forças diz o governador que ha de guardar melhor a cidade do que os Hollandezes, que entretanto (apezar da cidade de então não ter a fortaleza da actual) a defenderam um bom espaço com mil e quinhentos homens contra as muitas forças de D. Frederico (1).

Contou-me mais o capitão Ley haver-lhe dito o governador que por certos meios soubera que um Judeu do Recife, chamado Duarte Saraiva, recebêra antes da revolta uma carta da Bahia concernente ao que aqui se passava, e desconfiava que a escrevêra o contractante Matheus Lopes Franco, que tinha na Bahia o mais do seu negocio, e tambem era tido por Judeu; desejava que Ley o esclarecesse a este respeito. Ley declarou ignorar quem escrevêra a carta, sómente sabia que ella fôra recebida no Recife.

Não é pois duvidoso que, sendo cercada a Bahia, os Judeus que ahi se acham, e são muitos postoque encobertos, se nos mostrarão affeiçoados. Tambem é de suppor que o governador não encontrará a muitos como cuida, pois, soberbo e arrogante como é, ninguem o estima, e não ha de receber bons serviços de muitos officiaes e alguns burguezes principaes, dos quaes elle se fia, e que querem se vingar, porque estão affrontados, segundo particularmente me disseram alguns Portuguezes, que desconfio serem Judeus.

5.—Avista-se na bocca da bahia uma caravela, que por alli cruzava. Esta caravela tomou uma canôa com trez homens, que suppunham vinha ella de Portugal, e desejava haver novas de terra.

4.—São expedidas duas caravelas, cada uma com oitenta soldados, para tomar a hollandeza e escoltar um barco com munições de guerra, que ia a Pernambuco.

21. — Entrou na bahia um hyate vindo de Vianna. Dous dias antes fallára no mar com um navio hollandez, que bem o podera ter apprehendido, mas não lhe fez mal algum.

Ultimo dia deste mez. — Johannes van Broëck-huysen e Isaac

(1) D. Fradique de Toledo.

Sweers, depois de muitas solicitações, são soltos, permittindo-se-lhes ter como d'antes a cidade por prisão, uma vez que se não mettessem em semelhantes cousas, sob rigorosas penas (1).

1 de Abril.—Fizemos-nos á vela da Bahia para Portugal em quatro caravelas, levando cada uma dellas cinco prisioneiros. Os capitães tinham ordem de nos lançarem logo ao mar, como soubemos depois dos Portuguezes, si se encontrassem com navios hollandezes, e quizessem os nossos tomar-nos. Receiosos de toparem ditos navios, diligenciaram empegar-se muito no mar, mas os ventos do norte não deram lugar a que se podessem apartar da costa, e descahimos até os 17 e 17 ½ gr. de lat. meridional. Como calcularam o capitão e o piloto estar arredados de terra bem cento e cincoenta ou cento e setenta leguas, viraram de bordo para o norte, e a 21 fomos outra vez na altura da Bahia. Caminhámos ao norte e a leste, conforme nos servia o vento. Ventou geralmente do nordeste e lesnordeste. Contavam elles passar cincoenta ou sessenta leguas a leste da ilha de Fernando de Noronha, mas, quando a avistámos, estavamos a oeste com ella, de modo que, segundo o cálculo, passaramos menos de dez leguas largo do cabo de Santo Agostinho e do Recife, onde muito a nosso pezar não descobrimos um só navio hollandez. A 27 atravessámos a linha. Proseguindo em nossa viagem com muita lentidão, a 24 ou 25 de Maio fomos em altura de 41 ½ gr., e segundo calcularam, achavamo-nos sententa ou oitenta leguas a oeste das ilhas do Corvo e das Flores. Deu-nos um vento mui rijo, que durou trez dias naturaes, e forçoso foi alijar quanto podiamos ; alijaram-se tambem trez pipas d'agua, tendo nós tido durante a maior parte da viagem a ração diaria de trez a quatro *mutskens* (oitava parte da pinta). Corremos pois não pequeno perigo de sossobrar, e na primeira noite ao colher d'uma vela cahio um homem da vêrga grande no navio e morreu. Com esta tormenta apartaram-se de nós duas caravelas, uma foi ter a Port-a-Port (Porto ?) e a outra a Lisboa.

Ultimo dia do mesmo mez.—Rumo a leste. Vimos atraz de nós uma vela ; cingimo-nos ao vento e não esperámos por ella. A 5 de Junho houvemos vista das costas de Portugal, e á tartinha fomos diante da cidade de Lisboa. Louvado seja Deus que até aqui nos trouxe, e nos ha de permittir chegarmos á patria com vida !

Encontrámos neste porto quatorze ou quinze navios hollandezes, e soubemos que estavam em St. Ubal (Setubal) mais setenta ou oitenta, os mais delles sem artilheria ; carregava madeira a maior parte delles (2). Tencionavam os nossos fazer-se á vela no dia 1° de Julho. Soubemos tambem que o senhor tenente-coronel Haus havia chegado cinco ou seis dias antes ; tivera uma longa viagem, e estivera na ilha Terceira. O senhor tenente-coronel Haus, sem passaporte do rei, passara-se ás caladas para os navios de guerra, que cruzavam no mar, e tinham ordem de Suas Altas Potencias de não se pôrem sob a autoridade do rei ; ficou no navio *Geunieerde Provintien*, onde commandava o capitão Water-drincker.

6.—Fui a Alcantara, onde o rei tinha sua côrte. Fallei pessoal-

(1) Isaac Sweers esteve prêso duas vezes, uma no Cabo de Santo Agostinho e outra na cidade de S. Salvador. Netscher confunde estas duas prisões. Vejam-se as curiosas particularidades mencionadas no livro de Nienhof, pag. 135 e seguintes.

(2) No texto lê-se *hout*, madeira, talvez em lugar de *zout*, sal.

(N. do Trad.).

mente com Sua Magestade, a quem requeri passaporte. Foi-me este concedido.

27.—Fui por terra de Lisboa a St. Ubal afim de embarcar-me no navio do capitão Water-drincker. Chegámos á tardinha. Por certa carta do senhor tenente coronel Haus, soubemos que o dito navio era para as bandas de Taskais (Cascaes), afim de escoltar em sua viagem para aqui os navios que se achavam no rio de Lisboa; recommendava que esperassemos a volta do navio. Estavam ainda no banco os navios de guerra do *commandeur* (1) Magnus e capitão Jan Uyttenhout.

28.—Os dos navios mercantes elegeram as seguintes pessoas para seus officiaes:

Almirante, Claes Claesz. de Jonge; vice-almirante, Jan Pietersz. Paeuw; sota-almirante, Albert Pietersz. Gracht.

30.—Fui provisoriamente para o navio *Leiden*, capitão Remmert Cornelisse, surto aquem do castello. Passar-nos-hiamos depois para os navios que de Lisboa tinham de vir ao banco.

4 de Julho.—Estando de vêrga d'alto os navios surtos assim em Lisboa como aqui, soubemos que o rei fizera embargar toda a frota, noticia que desanimou a muitos capitães, por ignorarem com que intenção se puzera semelhante embargo. Como já haviam seguido para o banco seis navios, e estavam surtos além do castello, foram apprehendidos e mettidos no castello os seus capitães, afim de que fizessem que os ditos navios se tornassem a recolher ao porto. Pretextaram que o embargo não tinha outro fim senão dar lugar a que sahisse a armada portugueza, que apparentemente ia em assistencia de Malta. Esta armada compunha se de sete navios, uma caravela e um barco, contendo ao todo obra de oitocentos soldados em sete companhias, que haviam sido chamadas das fronteiras, e era gente mui luzida. Mas nós tivemos por certo que o embargo só seria levantado, depois que a armada portugueza se fizesse na volta da Bahia.

5.—Os capitães deputaram ao rei dous d'entre elles para saber as razões d'aquelle embargo. Mas, sendo os nossos em Lisboa, souberam que, apezar da diligencia dos capitães, não poderam haver outra informação senão que primeiro partiria a armada portugueza.

7.—O *commandeur* Magnus e o capitão Uyttenhout partiram d'aqui com seus navios de guerra para Lisboa, d'onde escreveram o dito *commandeur* e os capitães ao rei, declarando que os nossos haviam pago os direitos do seu negocio, e nada mais deviam; que, segundo os artigos da paz, uma vez que os navios pagassem os direitos divididos, como aquelles haviam feito, poderiam traficar livremente, e não estariam sujeitos a embargo, pelo que protestavam em nome de Suas Altas Potencias contra Sua Magestade por todo o damno que á fróta se seguisse; que elles commandantes dos navios de guerra queriam partir para Hollanda afim de dar relação de sua viagem, e não se podiam deter por mais tempo, e succedendo que a fróta tivesse por isso de seguir para a Republica sem escolta, todo o detrimento que recebesse seria lançado á conta daquella corôa.

11.—De Lisboa recebemos noticia que fôra levantado o embargo, e que se fizera ao mar a frota hollandeza, ficando surta no porto a armada portugueza.

12.—Aqui chegaram ao banco os trez navios de guerra e quatorze mercantes, vindos de Lisboa para se fazerem em um corpo com esta fróta, e seguirem juntamente para a patria.

(1) *Commandeur*. Chefe de uma esquadrilha.

13.—Os navios mercantes sahiram do rio de St. Ubal, e ancoraram no banco junto á frota vinda de Lisboa. Eu passei-me ao navio do capitão Water-drincker.

14.—Largou a fróta, que se compunha de alguns cem navios. Vento brando do nornoroeste, e rumo a oeste para nos empegarmos e montarmos o cabo Finisterra. Tivemos ás mais das vezes ventos contrarios, e cobrámos pouco ou nenhum caminho. A 22 a fusta do capitão Sibbe Fouges van Hinloopen arvorou um *sion* em signal de que ia a pique; a frota esperou, e toda a tripolação da fusta com suas bagagens se passou para os navios de guerra. Depois tornámos a nos fazer á vela com vento nordeste, e governámos ao rumo do noroeste. Não nos terçava pois o vento. A 26 ventou do oesudoeste e caminhámos ao nordeste quarta a norte. Depois do meio-dia encontrámos um navio inglez, e com elle viemos á falla; disse-nos que vinha de Smyrna do Levante (?) e depois de Liorne. Ao outro dia ventou do sudoeste e susudoeste, ás as vezes do sul e sul quarta a sudeste, e assim nos terçavam agora os ventos. Proseguimos em nossa viagem ás mais das vezes com vento em pôppa. A 3 de Agosto houvemos vista das costas da Inglaterra, e a 5 da ilha de Wight. Fallámos com oito velas, que nos disseram demandar Lisboa e Setubal. Eram sete navios mercantes e um de guerra; não podendo sahir do canal por causa do vento, que a nós era favoravel, endireitaram para a ilha de Wight, onde esperariam que os ventos os servissem. A 6 chegámos ao Passo de Calais, e vimos dous navios do Estado que ahi cruzavam. A 7 fomos diante do Texel, onde entrou o *commandeur* Magnus com um bom número de navios mercantes, O capitão Jan Uyttenhout e nós escoltámos o resto da frota até Vlie, e a 9 nos recolhemos ao Texel.

Louado Sesia Deos Nosso Senhor qui nos Deu Boa Viage he troixe em Nosse Patria (1).

(1) Textual.

Pernambuco.—Typ. do Jornal do Recife.—1875.

010468